



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

AYANE SHIRLEY PEREIRA LEITE

**A MEDIAÇÃO DOCENTE NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE UM
ESTUDANTE COM DISLEXIA: UMA ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS
NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL”**

**JOÃO PESSOA/PB
2021**

AYANE SHIRLEY PEREIRA LEITE

**A MEDIAÇÃO DOCENTE NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE UM
ESTUDANTE COM DISLEXIA: UMA ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS
NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, na Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Keilla Rebeka Simões Oliveira de Freitas

JOÃO PESSOA/PB
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L533m Leite, Ayane Shirley Pereira.

A mediação docente na aprendizagem e desenvolvimento de um estudante com dislexia: uma análise do filme "Como estrelas na terra, toda criança é especial" / Ayane Shirley Pereira Leite. - João Pessoa, 2021. 53 f. : il.

Orientação: Keilla Rebeka Simões Oliveira de Freitas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação inclusiva. 2. Teoria histórico-cultural. 3. Mediação docente. 4. Aprendizagem e desenvolvimento. I. Freitas, Keilla Rebeka Simões Oliveira de. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37(043.2)

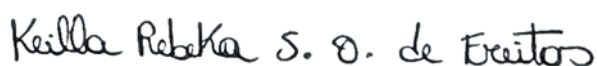
AYANE SHIRLEY PEREIRA LEITE

**A MEDIAÇÃO DOCENTE NA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE UM
ESTUDANTE COM DISLEXIA: UMA ANÁLISE DO FILME “COMO ESTRELAS
NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, na Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 03/12/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Keilla Rebeka Simões Oliveira de Freitas
DFE/CE/UFPB
Orientadora



Prof^ª. Dra. Karen Guedes Oliveira
DFE/CE/UFPB
Examinadora



Prof^ª. Dra. Thaís Oliveira de Souza
DFE/CE/UFPB
Examinadora

*“Todos os nossos sonhos podem se realizar se
tivermos a coragem de persegui-los.”*

Walt Disney

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, acima de tudo, por me conduzir sempre pelo melhor caminho e me dar coragem para segui-lo.

Sou imensamente grata à minha mãe, Adeilda, por ser meu maior e melhor exemplo. É dela que vem meu amor pela educação e é nela que me inspiro todos os dias. Agradeço também ao meu pai, Severino, que sempre me deu forças para buscar meus sonhos. Obrigada pela confiança, apoio e amor incondicional, sem vocês nada disso seria possível, e é a vocês a quem dedico esse trabalho.

Agradeço ao meu irmão, Kaio Ayslan, pelo apoio e amizade. Você é minha luz. Obrigada!

Agradeço aos meus avós, Ana, Zezinho, Dodore e Tião (meu anjo no céu) por todos os ensinamentos. Sei que parte da minha força vem de vocês! E à minha bisavó Leonor (meu outro anjo), que sempre torceu muito por mim. Obrigada!

Sou grata ao meu noivo, Ramires, que sempre esteve ao meu lado e me incentiva todos os dias. Obrigada!

Aos amigos de graduação que levarei pra vida, Kris, Maria Eduarda, Jhully e Felipe. Obrigada pelo companheirismo, por sempre me encorajarem a seguir em frente e por me acolherem com tanto amor. Vocês tornaram tudo mais leve!

À Anajara, que desde o meu primeiro dia em João Pessoa me acolheu como irmã. Você foi essencial!

Aos meus amigos do curso de graduação, por todos os momentos e aprendizados compartilhados.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, desde o ensino infantil até a graduação. Levarei sempre comigo um pouco de cada um.

Sou grata à professora Maria Aparecida, que desde o início do curso confiou em mim. Devo muito a senhora!

Agradeço imensamente à minha orientadora, Keilla Rebeka, por todos os ensinamentos, atenção, cuidado e dedicação que teve ao longo de todo esse tempo. Muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo principal observar o papel da mediação docente no processo de aprendizado e desenvolvimento de um estudante com dislexia, a partir do filme “Como estrelas na Terra: toda criança é especial”. Especificamente, buscou-se analisar de que modo a mediação docente pode promover o desenvolvimento de um estudante com dislexia; e refletir sobre a importância do professor no processo de inclusão escolar. Para isso, o estudo esteve fundamentado na teoria histórico-cultural, proposta por Lev Semenovitch Vigotski. A realização do trabalho se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, seguida de uma análise fílmica, pautada em duas etapas: decompor, ou seja, descrever, seguida da interpretação das partes decompostas. Na sequência foi realizado um resumo do filme e posteriormente foram escolhidas quatro cenas para a análise, com base nos objetivos do estudo e sua relevância para a discussão. Os resultados da análise mostram que na metodologia do ensino tradicional há uma falta de adequação das atividades, assim como dificuldade para a inclusão escolar. Observou-se também a importância do planejamento de estratégias adequadas de ensino, que levem em conta as necessidades educacionais específicas dos alunos. Além disso, destaca-se a relevância da afetividade na relação professor-aluno, para a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes. Assim, constatou-se a relevância de uma mediação docente, que leve em conta as necessidades educacionais específicas, para a educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Teoria histórico-cultural, Mediação docente, Aprendizagem e Desenvolvimento.

ABSTRACT

The main objective of this study was to observe the paper of teacher mediation in the learning and development process of a student with dyslexia, based on the movie “Like stars on Earth: every child is special”. Specifically, we sought to analyze how teacher mediation can promote the development of a student with dyslexia; and reflect on the importance of the teacher in the school inclusion process. For this, the study was based on the Cultural-Historical Theory, proposed by Lev Semenovich Vygotsky. The work was carried out through a bibliographic research on the subject, followed by a film analysis, based on two stages: decompose, that is, describe, followed by the interpretation of the decomposed parts. Then, a summary of the film was performed and four scenes were later chosen for analysis, based on the objectives of the study and its relevance to the discussion. The analysis results show that in the traditional teaching methodology there is a lack of adequacy of activities, as well as difficulties for school inclusion. It was also noticed the importance of planning appropriate teaching strategies that consider the specific educational needs of students. In addition, the relevance of affectivity in the teacher-student relationship for student learning and development is evidenced. This way, the relevance of a teacher mediation, which consider the specific educational needs, for inclusive education, was verified.

Keywords: Inclusive Education, Historical-cultural theory, Teacher mediation, Learning and Development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 VIGOTSKI E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	
2.1. Uma breve introdução sobre Lev Semenovich Vigotski.....	15
2.2. A Mediação.....	16
2.3 A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).....	20
3 ASPECTOS EDUCACIONAIS.....	24
4 METODOLOGIA.....	34
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
5.1 Breve relato sobre o filme.....	35
5.2 Análise das cenas do filme	
5.2.1 Cena 1: O ensino tradicional e seus desafios.....	40
5.2.2 Cena 2: Conhecendo a realidade do aluno.....	41
5.2.3 Cena 3: Reconhecendo as diferenças.....	43
5.2.4 Cena 4: Nova metodologia, novas aprendizagens.....	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A procura por uma educação humanizadora, que tenha foco no desenvolvimento integral do estudante, está se tornando cada vez mais forte. A ideia de uma pedagogia ancorada em princípios tradicionais, mecânicos e autoritários vem sendo muito criticada, fazendo crescer um novo modelo educacional, com práticas pedagógicas mais humanizadas, que percebe o aluno como ser ativo, com vontades e interesses que precisam ser respeitados. Nesse contexto, a educação passa a ser compreendida como um:

Processo de formação da personalidade e ter como meta o pleno desenvolvimento dos alunos, como sujeitos que constroem sua história e participam da história social da humanidade em imanência com sua existência social. (TEIXEIRA; BARCA, 2019, p. 74).

Vemos assim, a importância de se ter uma educação que tenha o aluno como um ser participante, ativo no seu processo de aprendizagem, e que esse aprendizado seja significativo para cada um, principalmente no meio coletivo, em parcerias com outras crianças e educadores, fazendo com que se desenvolvam de forma integral e humanizada.

Diante dessa perspectiva, o presente estudo está pautado na Teoria Histórico-Cultural, a qual tem como precursor e principal autor o teórico russo, Lev Semionovich Vigotski. De acordo com Teixeira e Barca (2019), essa teoria é fundamentada no materialismo histórico-dialético desenvolvido por Karl Marx, o qual traz na sua tese que “a essência dos homens são as interações sociais” (p. 73).

Segundo Mello e Lugle (2014), a teoria histórico-cultural pressupõe que o ser humano é um ser de natureza social, defendendo que suas qualidades humanas – capacidades, habilidades, aptidões – são aprendidas. As autoras dizem ainda que, de acordo com Vigotski e seus colaboradores: “a essência do processo de desenvolvimento é a apropriação da experiência acumulada historicamente, pois a fonte das qualidades humanas é a cultura” (p. 263).

Como cita um dos principais colaboradores de Vigotski, Leontiev (1978, p. 265-266, APUD MELLO; LUGLE, 2014, p. 263), o ser humano nasce em um mundo repleto de objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores, ele se apropria desse mundo, participando do trabalho e das diversas formas de atividades sociais, adquirindo as aptidões humanas que já estão enraizadas nesse mundo. Dessa forma, é extremamente necessário o contato com o meio e com as pessoas nele presentes, para que o homem possa se desenvolver. Mello e Lugle (2014) destacam que, por conta desse processo de apropriação da cultura já existente, tendo em vista que o ser humano não é passivo, ele é capaz de, ao tomar posse dos objetos ou fenômenos produzidos pelas gerações anteriores, transformá-los, criando, assim, novos objetos e novos

traços humanos diante daqueles já consolidados. Desse modo, percebe-se a importância do contato com o outro para o desenvolvimento do ser humano.

Levando em conta todos estes aspectos e sabendo que, como afirma Teixeira e Barca (2019), a personalidade humana consciente é fruto das relações sociais, destacamos a importância da escola nesse processo. Por ser um dos principais meios de se relacionar socialmente desde os primeiros anos de vida da criança, o espaço escolar passa a ser peça fundamental para o desenvolvimento humano, pois, por ser uma instituição formal de ensino, as relações sociais são organizadas de forma intencional e sistemática. Assim, o professor ganha grande destaque nesse processo, pois “cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social” (VIGOTSKI, 2010, P. 448).

É importante salientar aqui que é possível haver uma interpretação distorcida em relação ao papel do professor diante da teoria de Vigotski. É comum atribuir ao docente o papel de simples ajudante, um auxílio para que o aluno adquira conhecimento, mas muito mais do que isso, “o professor é quem planeja e cria as condições de possibilidade de emergência das potencialidades do aluno” (TUNES; TACCA; JUNIOR, 2005, P. 694). Compete a ele a responsabilidade de analisar o nível de desenvolvimento do estudante, para que, assim, possa organizar seu ensino, suas práticas, possibilitando o alcance dos objetivos almejados. Sobre isso, de acordo com Tunes, Tacca e Júnior (2005), ao se referir à perspectiva vigotskiana, o professor desempenha um papel ativo no processo educacional, ele modela, corta, divide, entalha, os elementos do meio para que se realizem os objetivos buscados.

O interesse pela pesquisa emergiu dos estudos realizados em um Curso Livre, ofertado por algumas professoras do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, e tinha como base teórica a Psicologia Histórico-cultural. Nesse sentido, partindo do grande interesse na área docente e, reconhecendo ainda, a importância de compreender melhor o universo presente no papel do professor e da relação professor-aluno; sabendo também que, para uma boa prática pedagógica, são essenciais uma formação científica e um bom estudo das teorias, é de fundamental importância a realização desse estudo.

Visando a minha atuação futura como professora, é necessário refletir sobre as formas de desempenhar essa função, pois o docente influencia significativamente a vida dos seus alunos. Além disso, o aprendizado e desenvolvimento de cada estudante está relacionado com as mediações realizadas pelo professor, e este, precisa ser consciente e comprometido, pois caso contrário, pode não promover esses processos.

Como grande parte da população brasileira frequenta a escola ao longo da vida, o contato e a mediação dos professores podem exercer um impacto em seu desenvolvimento. Por

isso, é imprescindível a existência de uma educação de qualidade, que seja significativa e que contribua positivamente para o desenvolvimento do aluno, e isso, como já citado, depende do professor, dos sistemas de ensino, das legislações, políticas governamentais e públicas, que devem ofertar condições melhores de trabalho, formações e valorização do trabalho docente, para que assim consigamos ter uma educação de qualidade. Assim, quanto ao docente, é extremamente importante que ele saiba qual é o seu papel, e busque as melhores maneiras para fazer a diferença de uma forma positiva na vida dos estudantes. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da mediação docente no processo de aprendizado e desenvolvimento de um estudante com dislexia. E especificamente buscou-se: (a) observar de que modo a mediação docente pode promover o desenvolvimento de um estudante com dislexia; (b) refletir sobre a importância do professor no processo de inclusão escolar.

Um dos fatores relevantes para o desenvolvimento dessa pesquisa é decorrente da necessidade de se conhecer teorias para embasar a prática docente. Teixeira e Barca (2019) trazem que os professores, muitas vezes por não conhecerem ou se distanciarem dos fundamentos teóricos, guiam suas práticas pela lógica da vida cotidiana, segundo elas:

Ao encararem a educação, atividade complexa, portanto, intencional, refletida e planejada, como algo natural, os professores perdem os instrumentos fundamentais que o permitem refletir sobre a sua prática de modo crítico e assim efetuar as transformações possíveis. (p. 72)

Assim, vê-se a importância do estudo de teorias educacionais, pois só assim, será possível realizar uma prática docente que alcance resultados positivos na vida dos alunos. Nesse sentido, citando Freitas (2014), Teixeira e Barca (2019) expõe que, historicamente, a ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação),

defende a ‘concepção sócio-histórica’ de professor como a perspectiva teórica que pode guiar esse processo e contribuir para a formação do professor como um sujeito crítico, comprometido com a efetivação de um trabalho pedagógico intencional, refletido e criativo (TEIXEIRA E BARCA, 2019, p. 72)

Além disso, outro fator relevante é a importância do estudo da mediação docente para que se possa conhecer e compreender o seu papel no desenvolvimento do aluno. Segundo Sforni (2008), muitas vezes o mediador é visto como um ajudante que somente auxilia os alunos a realizarem atividades que eles ainda não conseguem desenvolver sozinhos, focando apenas nas relações interpessoais, tal ideia reduz o conceito de mediação. Sendo assim, ao fazer esse estudo sobre o tema pode-se compreender qual o verdadeiro valor que mediação docente tem no desenvolvimento do aluno.

Dessa forma, o estudo sobre a mediação docente, reconhecendo-se sua influência no processo de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes, é extremamente relevante

para ser discutido em um curso de licenciatura, principalmente em Pedagogia, pois sabe-se que uma prática pedagógica que reconhece a importância dessa relação é um dos pilares para uma educação com resultados positivos, capaz de transformar a realidade de uma sociedade. Ressalta-se, ainda, a importância da reflexão sobre esses processos.

Posto isto, para elaboração deste trabalho foi realizada uma pesquisa teórica do tipo explicativa, uma vez que esse tipo de pesquisa “pretende identificar os fatores que contribuem para ocorrência e desenvolvimento de um determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas” (GONSALVES, 2011, p. 68). Para isso, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica, em que se buscou conhecer e compreender alguns aspectos da teoria Histórico-cultural, para, na sequência, analisar a influência da relação professor-aluno no processo de aprendizagem e desenvolvimento com base na referida teoria. Para tal investigação, realizou-se também uma análise fílmica, a qual segundo Penafria (2009), seria sinônimo de decompor o filme, e para isso são necessárias duas etapas importantes: “em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar”. (PENAFRIA, 2009, P. 1). A partir disso, foi realizada a análise de conteúdo, a qual ainda segundo a autora, requer a identificação do tema, seguida do resumo da história e da decomposição do filme relacionando-o com o tema identificado. Com isso, a natureza dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, a qual preocupa-se “com a compreensão, com interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas” (GONSALVES, 2011, p. 70).

Dessa forma, na fundamentação teórica serão apresentados alguns aspectos acerca da Teoria Histórico-Cultural, especificamente os conceitos de Mediação e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Além disso, sequencialmente serão trazidos alguns aspectos educacionais, para que melhor se compreenda o tema abordado no âmbito educacional.

Na sequência, será desenvolvida uma análise fílmica do longa-metragem “Como estrelas na Terra: toda criança é especial”, produzido e dirigido por Aamir Khan, no ano 2007. No início, será realizada uma síntese do enredo e personagens, contando resumidamente o drama no qual o filme gira entorno, focando principalmente na relação entre os professores e um aluno com dislexia.

Com o objetivo de analisar essas relações e a sua influência no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, será desenvolvida posteriormente um estudo sobre a mediação desenvolvida pelo professor de artes, com seu olhar direcionado para os alunos. Com isso, será observado o desenvolvimento do personagem principal da história, que possui um distúrbio de aprendizagem, diante das estratégias desenvolvidas pelo docente. Ao longo da

análise, a interação entre o professor de artes e o aluno em questão será observada a partir da psicologia histórico-cultural. Na conclusão, serão apresentadas as considerações finais acerca dos resultados conseguidos com essa pesquisa, em resposta ao questionamento que direcionou a mesma.

2 VIGOTSKI E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Neste capítulo, buscou-se fazer uma discussão sobre o autor Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), iniciando com uma breve biografia, e, posteriormente, uma exposição sobre a teoria vigotskiana, trazendo uma pequena explicação de alguns conceitos elaborados pelo autor, especificamente, Mediação e Zona de Desenvolvimento proximal (ZDP).

2.1. Uma breve introdução sobre Lev Semenovich Vigotski

Lev Semenovich Vigotski nasceu em 17 de novembro de 1896, na cidade de Orsha, cidade da Bielorrússia, país da extinta União Soviética. Sua família era judia, sendo ele o segundo de oito irmãos. O ambiente familiar de Vigotski era bastante intelectualizado, onde pais e filhos debatiam sobre diversos assuntos, e segundo Semyon Dobkin – amigo de infância de Vigotski – eram conhecidos como uma das “famílias mais cultas da cidade”. De acordo com Oliveira (1998), desde cedo, Vigotski se interessou pelo estudo de diversas áreas do conhecimento e gostava muito de ler obras de literatura, poesia e teatro.

Oliveira (1998) traz ainda que grande parte da sua educação formal não foi realizada na escola, pois ele estudava em casa com tutores particulares. Somente aos 15 anos, ele ingressou em uma instituição particular, em que cursou os últimos dois anos do ensino secundário e se formou em 1913. Logo após, entrou no Curso de Direito na Universidade de Moscou, formando-se em 1917. Concomitante a sua carreira acadêmica principal, Vigotski frequentava os cursos de filosofia e história na Universidade Popular de Shanyavskii, mesmo não tendo recebido nenhum título da instituição, foi nela que aprofundou seus estudos em psicologia, filosofia e literatura, o que foi muito importante para a sua vida profissional. Anos depois, diante do interesse em trabalhar com “problemas neurológicos como forma de compreender o funcionamento psicológico do homem” (p. 19), estudou Medicina, parte em Moscou e parte em Kharkov.

Ele exerceu a docência e foi pesquisador nas áreas de psicologia, pedagogia, filosofia, literatura, deficiência física e mental¹, atuando em diversas instituições de ensino e pesquisa. Dedicou seu trabalho também na área da “pedologia” – ciência da criança que integra os aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos – “considerando essa disciplina como a ciência básica do desenvolvimento humano” (OLIVEIRA, 1998, p. 20).

Vigotski criou um laboratório de psicologia na escola de formação de professores de Gomel e participou da criação do instituto de deficiência, em Moscou. Sua produção escrita foi

¹ Termo empregado devido ao contexto da época, mas atualmente se fala em deficiência intelectual.

muito vasta, abordando diversas áreas do conhecimento. Escreveu aproximadamente 200 trabalhos científicos, os quais segundo Oliveira (1998), vão desde a neuropsicologia até a crítica literária, bem como produções sobre deficiências, linguagem, psicologia e educação.

Casou-se em 1924 com Roza Smekhova, com quem teve duas filhas. Desde 1920, Vigotski conviveu com a tuberculose, doença que o levou a morte em 1934, com apenas 37 anos de idade. Devido a prematuridade de seu falecimento, e seu considerável volume de produção intelectual, seus escritos são caracterizados pela densidade, repletos de ideias e informações. Conforme os escritos de Oliveira (1998), por conta da sua enfermidade, muitos de seus textos não foram produzidos originalmente por ele na forma escrita, mas foram citados a outra pessoa que os copiava ou foram produzidos a partir de anotações durante suas aulas ou conferências.

De acordo com Oliveira (1998), as ideias de Vigotski se multiplicaram e se desenvolveram nas obras de seus colaboradores, dos quais os mais conhecidos são: Alexandre Romanovich Luria e Alexei Nikolaievck Leontiev. Sua atuação intelectual influenciou muitas pessoas ao seu redor, com a sua oratória encantava toda a plateia que o ouvia, e seus alunos e colegas tinham muita admiração por ele.

2.2. A Mediação

Antes de iniciar a discussão sobre a mediação, é importante destacar que, de acordo com a teoria histórico-cultural, “o ser humano é um ser de natureza social” (MELLO; LUGLE, 2014, p. 263). Ainda segundo as autoras, ao nascermos, somos inseridos em uma sociedade repleta de elementos e significados já pré-estabelecidos pelas gerações anteriores, e é a partir das interações sociais que formulamos nossos próprios conceitos e elaboramos nossos pensamentos.

Vigotski formulou sua teoria com base no materialismo histórico-dialético de Marx. Como afirma Martins e Moser (2012), o autor usou a metáfora do conceito de trabalho elaborada por Marx como exemplo, o que deu origem ao conceito de mediação, que é fundamental para que se possa entender a teoria vigotskiana sobre o funcionamento do cérebro humano.

De acordo com Oliveira (1998), Vigotski dedicou seus estudos aos processos mentais superiores, que é a capacidade humana de agir intencionalmente, de forma consciente. Tal atividade é considerada superior por se diferenciar dos processos mais elementares, que são as atitudes naturais, movimentos automatizados que o ser humano faz sem a necessidade de pensar sobre. Acerca disso, de acordo com Martins e Moser (2012, p. 14): “[...] O que distingue a

atividade humana das atividades dos animais, como já o afirmara Marx, é a atividade que passou a ser intencional, portanto, é uma atividade consciente”. Dessa forma, o homem tem a capacidade de agir conscientemente, suas ações podem ser previamente analisadas, o que o diferencia de outros seres vivos. Partindo disso, o conceito de mediação elaborado por Vigotski, ajudará a compreender o funcionamento das funções psicológicas humanas.

Definindo em termos gerais, “mediação é a intervenção de um elemento intermediário em uma relação” (OLIVEIRA, 1998, p. 29). A partir do momento em que uma determinada relação sofre a ação de um elemento externo, ela deixa de ser direta, passando a ser mediada. A relação estímulo-resposta sofre a intervenção de um agente mediador do meio, o que torna essa relação mais complexa, assim como afirma Vigotski (1984) citado por Oliveira (1998, p. 26-27) ao dizer que “[...] o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado, que representamos da seguinte forma:

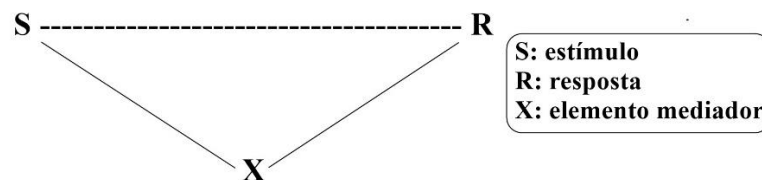


Figura 1 - Ilustração de uma relação mediada na perspectiva de Vigotski
 Fonte: OLIVEIRA, 1998, p. 27 APUD. VYGOTSKY, 1984, p. 45)

Pode-se exemplificar uma relação mediada imaginando a seguinte situação: uma pessoa estende sua mão e toca em uma planta cheia de espinhos, ao sentir a dor das furadas, retira sua mão rapidamente, ocorrendo uma relação direta entre a ponta afiada dos espinhos (S) e a retirada da mão (R). Mas, se em outra ocasião, ao ver a planta, a pessoa recorda da dor sentida, a relação entre o toque nos espinhos e a retirada da mão será mediada pela lembrança da dor (X), ou seja, uma representação mental já formulada na mente da pessoa (OLIVEIRA, 1998)

Partindo disso, Oliveira (1998, p. 27), afirma que Vigotski trabalha com a ideia de que as relações entre o homem e o mundo não são diretas, mas sim mediadas, e definiu ainda que existem dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. Tratando-se dos instrumentos, como posto anteriormente, Vigotski utilizou o conceito de trabalho elaborado por Marx para formular sua teoria e destacou a importância dos instrumentos na atividade humana, em sua perspectiva: “O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza” (OLIVEIRA, 1998, p. 29). Com o uso dos instrumentos, o homem consegue ter uma maior capacidade de agir sobre a natureza, otimizando o trabalho e possibilitando alcançar determinados objetivos mais rápido

e em maior quantidade. Essas ferramentas são criadas pelos grupos humanos para determinado objetivo e carregam consigo, ao longo da história, o significado inicialmente estabelecido. Assim, os instrumentos são os elementos mediadores presentes na relação homem-trabalho. Dessa mesma forma, os signos são representações mentais criadas para solucionar determinado problema, como explica Oliveira (1998) ao se referir à teoria vigotskiana: “a invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico, é análoga à invenção e uso de instrumentos só que agora no campo psicológico”. Os signos se configuram como representações mentais da realidade, e podem ser utilizados em momentos posteriores para se referir a algo que não esteja presente fisicamente no momento, sendo “a memória mediada por signos, mais poderosa que a memória não mediada” (OLIVEIRA, 1998, p. 30). Assim, quanto a relação homem-mundo, pode-se afirmar que:

O homem não se relaciona diretamente com o mundo, sua relação é mediada pelo conhecimento objetivado pelas gerações precedentes, pelos instrumentos físicos ou simbólicos que se interpõem entre o homem e os objetos e fenômenos. Do mesmo modo que os instrumentos físicos potencializam a ação material dos homens, os instrumentos simbólicos (signos) potencializam sua ação mental (SFORNI, 2008, p. 3).

Assim, percebe-se que as relações homem-mundo, não ocorrem de forma direta, mas sempre estarão mediadas por instrumentos ou signos, os quais são elaborados ao longo da história e perpassam pelas gerações futuras, que não começam a vida sem uma base já estabelecida anteriormente, pois os novos indivíduos são inseridos em um mundo já carregado de objetos e fenômenos, que possuem significações concretas elaboradas pelas gerações anteriores, e são as interações sociais que possibilitam que esses novos seres tenham contato com a cultura em que estão inseridos.

Como discutido anteriormente, de acordo com a teoria histórico-cultural, o homem é um ser de natureza social, pois é pelo convívio em sociedade que é possível ao indivíduo adquirir os conhecimentos presentes em seu meio e posteriormente utilizá-los internamente. Como afirma Tunes, Tacca e Júnior (2005, p. 690): “o convívio social, a experiência interpessoal possibilita o processo de elaboração e reelaboração de sentidos que organizam e integram a atividade psíquica dos participantes da relação”. São pelas relações interpessoais, que o ser humano inicia seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. É a partir dessas relações que a pessoa internaliza e forma seu sistema de signos próprio. Isso ocorre mediante o convívio com a cultura na qual o indivíduo está inserido e é a partir dessas relações que, posteriormente, o homem elabora seus sentidos, que tem base nos significados pré-estabelecidos na sociedade, mas que se reconfigura individualmente na mente de cada um.

Ao longo desse processo, Oliveira (1998) afirma que ocorrem duas mudanças qualitativas no uso dos signos. A primeira é o que Vigotski chama de processo de internalização, que é quando as marcas externas (instrumentos) se transformam em processos internos de mediação (signos), ou seja, quando o indivíduo passa a utilizar as representações adquiridas nas relações interpessoais, de forma interna, na sua própria mente. E a segunda, sequencialmente, é a elaboração dos sistemas simbólicos, que é a organização dessas representações em estruturas complexas e articuladas. A partir disso, o ser humano é capaz de fazer representações mentais das coisas, mesmo que elas não estejam presentes na situação, e como afirma ainda a autora, “essa capacidade de representação mental não é uma relação direta, ela é mediada por signos que representam elementos do mundo que já estão internalizadas na mente humana” (p. 35). Acerca disso, é importante destacar que:

“Do ponto de vista psicológico, a dinâmica relacional não é simples nem linear. Ao contrário, é um acontecimento vivo, contraditório e multidimensional, que pode direcionar a constituição de diferentes configurações da personalidade, ainda que esta guarde sempre uma unidade interna, uma relativa estabilidade” (TUNES; TACCA; JÚNIOR, 2005, p. 690).

Observa-se, então, que as relações sociais constituem diferentes personalidades, cada indivíduo, mesmo mantendo uma base cultural única, internaliza e forma seu sistema de signos próprio, o articula de maneira única. O ser humano não passa pelo processo de internalização de forma passiva, pois ele se apropria das significações presentes em sua cultura, mas as transforma e as adapta internamente, formando os seus próprios conceitos e pensamentos.

Partindo disso, nota-se a importância de se ter uma educação pautada nas relações sociais, no quão rico é o processo de ensino-aprendizagem quando se reconhece a relevância da participação de todos e do respeito pelo espaço de cada um, pois “nesse processo, integram-se histórias de vida com inúmeras experiências e vivências, tornando-se presentes e se atualizando sentidos subjetivos.” (TUNES; TACCA; JÚNIOR, 2005, p. 690).

Percebe-se, então, a importância do papel do docente nessas relações, pois cabe ao professor planejar e elaborar métodos que promovam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, de maneira que esteja atrelado aos conhecimentos e modos de pensar dos alunos, e diante disso, como escreve Tunes, Tacca e Júnior (2005), Vigotski, ao examinar essas relações entre aprendizagem e desenvolvimento, formula o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

2.3 A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)

Segundo Chaiklin (2011), o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal é certamente um dos mais conhecidos e debatidos dentro das produções científicas de Vigotski. Segundo o autor, Vigotski (1987) o define como sendo a distância entre o nível de desenvolvimento atual, que é marcado pela capacidade de resolução de problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, que é definido pela resolução de problemas orientados ou em colaboração com pares mais experientes. Pode-se, assim, compreender que a ZDP possibilita a definição do nível de desenvolvimento da criança, o que ela sabe ou é capaz de realizar sozinha e qual será a próxima etapa do seu desenvolvimento.

Nas palavras de Fino (2001, p. 5), o desenvolvimento para Vigotski “consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas”. O autor diz ainda que Vigotski afirma que o processo de desenvolvimento e o de aprendizagem não coincidem, existe uma assintonia entre eles e o processo de aprendizagem antecede o de desenvolvimento, sendo a ZDP resultante dessa assintonia. Concomitante a essa ideia, Alves (2005) afirma que o processo de ensino/aprendizagem é apoiado em processos imaturos, caminhando a frente, possibilitando o avanço no desenvolvimento e criando zonas de desenvolvimento proximal. Compreendendo-se assim, que somente após a aprendizagem do uso de determinada ferramenta intelectual, ocorrerá o desenvolvimento, sendo essa aprendizagem possibilitada através das interações sociais com pares mais capacitados. Diante disso, a ZDP é a área que demonstra ou define o potencial do aprendiz, é onde serão percebidas as funções psicológicas que estão em processo de maturação, é o que dará meios para que se busque as maneiras mais adequadas para estimular essas funções que ainda não estão totalmente desenvolvidas.

Em seus escritos, Fino (2001, p. 5-6) apresenta a intenção que Vigotski teve ao introduzir a noção de ZDP, segundo ele, seria “um esforço para lidar com duas questões práticas de psicologia educacional: a avaliação das habilidades cognitivas das crianças e a avaliação das práticas de instrução”. O autor explica que no primeiro caso seria para fazer a análise do nível atual de desenvolvimento da criança, o seu desempenho individual e o nível que a criança seria capaz de alcançar interpsicologicamente, ou seja, o nível de desenvolvimento potencial. E no segundo caso, seria para avaliar a instrução, pois, segundo o autor, Vigotski defende a ideia de que o funcionamento intrapsicológico se desenvolve a partir do interpsicológico, ressaltando assim, o que já foi exposto anteriormente, que o ser humano inicia seu processo de aprendizagem e desenvolvimento através das relações interpessoais, para que posteriormente alcance o desenvolvimento a nível intrapsicológico.

Quanto a função da ZDP, Chaiklin (2011, p. 666) nos apresenta dois propósitos em relação à análise do desenvolvimento psicológico que segundo ele, seria a transição de um período do desenvolvimento a outro,

Um deles é identificar os tipos de funções psicológicas em maturação (e as interações sociais a elas associadas) que são necessários para a transição de um período do desenvolvimento para o seguinte; e o outro é identificar o estado atual da criança em relação ao desenvolvimento dessas funções necessárias para essa transição.

É essencial que o profissional tenha conhecimento sobre o que a criança sabe, o que ela consegue realizar de forma independente, mas também, onde ela pode chegar, quais funções ainda não se desenvolveram totalmente, para assim, traçar meios para que se atinja níveis superiores. Pode-se perceber assim, a importância da ZDP, e o quanto relevante é na vida do estudante, que seja realizada uma boa análise, afim de conhecer seu nível real de desenvolvimento, possibilitando um planejamento adequado para cada aluno, sempre respeitando as etapas e histórias, individualmente, pois somente dessa forma será possível alcançar os próximos níveis. À vista disso, Alves (2005, p. 12), expõe que para Vigotski a ZDP podia ser caracterizada de várias maneiras,

Fornecendo pistas, mostrando como o problema pode ser resolvido, iniciando a solução e deixando que a criança a complete e observando a criança resolver o problema em colaboração com outras crianças.

Alves (2005) destaca também que segundo Vigotski, a ZDP não é um constante, que crianças com idade ou nível desenvolvimento real semelhantes, podem ter ZDPs diferentes, além disso, diz também que entre o que a criança consegue e o que não consegue realizar, existem gradações do que ela consegue imitar. Ou seja, cada criança possui uma ZDP que é única, por isso é possível que várias crianças estejam em um nível de desenvolvimento comum entre si, mas suas potencialidades sejam distintas. Dessa forma, elas não vão se desenvolver da mesma maneira ou em períodos iguais, e uma das maneiras de se conhecer o nível em que a criança se encontra é observar o que ela é capaz de imitar.

Citando Vigotski, Alves (2005), traz que a psicologia da instrução é ancorada na oportunidade que se tem de elevar-se a um grau intelectualmente superior através da colaboração, com a ajuda da imitação a criança tem a possibilidade de passar do que é capaz de fazer para o que ela não é capaz. A imitação tem um papel fundamental para o conhecimento da ZDP de uma criança. Por meio da imitação é possível que se perceba quais funções ainda estão em maturação e quais potencialidades podem ser estimuladas para que a criança se desenvolva. Chaiklin (2011), ao citar Vigotski, diz que a criança só consegue imitar o que já está presente na sua zona de potencialidades intelectuais. Ela só conseguirá imitar o que já

estiver presente na sua ZDP, com base nas funções que já estão em processo de maturação. Sobre isso, Chaiklin (2011, p. 668) expõe também que,

O pressuposto crucial é que a imitação é possível porque (a) as funções psicológicas em maturação são ainda insuficientes para sustentar um desempenho independente, mas (b) desenvolveram-se o suficiente para que (c) uma pessoa possa entender como servir-se das ações colaborativas (perguntas-guia, demonstrações, etc.) de outra.

Dessa forma, por meio da interação, a criança ao imitar o adulto ou outra criança mais experiente, torna-se capaz de realizar as tarefas que ela não é apta a realizar sozinha. Por isso, vê-se que em colaboração com pares mais experientes, as funções que ainda estão em maturação avançam no processo de desenvolvimento, fazendo com que a criança atinja níveis mais elevados e posteriormente seja capaz de realizar as tarefas de forma independente.

Sobre isso, Fino (2001, p.7) diz que, de acordo com a concepção vigotskiana, “uma pessoa só é capaz de imitar o que está ao alcance do seu nível atual de desenvolvimento”. E escreve ainda, que “uma completa compreensão do conceito de ZPD deve resultar na reavaliação do papel da imitação na aprendizagem”, citando na sequência o exemplo trazido por Vigotski:

Se uma criança tem dificuldade com um problema de aritmética e o professor o resolve no quadro, a criança pode compreender a solução num instante. Mas se o professor estiver a resolver o problema usando altas matemáticas, a criança não será capaz de compreender a solução, independentemente do número de vezes que imite o professor (Vygotsky, 1978, apud FINO, 2001, p. 7).

Dessa forma, é possível compreender que para que se tenha uma instrução que possibilite o real desenvolvimento da criança, é necessário observá-la bem, identificando as suas potencialidades, o que ela já é ou ainda não é capaz de realizar sozinha. O olhar atento do(a) professor(a) para cada estudante é extremamente necessário, ele precisa conhecer seus alunos(as), saber quais os meios mais viáveis para que eles atinjam níveis mais elevados de desenvolvimento. Fino (2001) ressalta isso, ao dizer que o professor, ao exercer seu papel considerando a ZDP, precisa assistir o estudante, proporcionando-lhe apoio e recursos para que ele seja capaz de alcançar um nível de conhecimento superior ao que lhe seria possível sem ajuda.

O professor, ao conhecer as necessidades do aluno, precisa criar um ambiente que facilite a sua aprendizagem, e elaborar metodologias que atendam e se adequem ao nível de desenvolvimento atual do estudante, considerando a ZDP. Fino (2001) traz a concepção de que o professor inicialmente irá sondar, observar o aluno na realização das tarefas, trabalhando como regulador do processo e analisando o conhecimento do estudante. Posteriormente, à medida que se constata que a criança aprendeu e consegue realizar determinadas atividades

sozinha o professor transfere para ela o controle da realização da tarefa. O autor ilustra o trabalho do professor com a seguinte metáfora:

Talvez pudéssemos compará-lo aos andaimes que suportam exteriormente um edifício que está sendo construído, e que vão sendo retirados à medida que a estrutura em construção se vai tornando capaz de se sustentar sem ajuda (FINO, 2001, p. 8).

Compreende-se dessa forma, a importância que o professor tem na vida e no processo de desenvolvimento dos alunos. Um professor que se preocupa com o estudante e busca maneiras para que ele aprenda e se desenvolva, junto com a existência de políticas públicas, a priorização dos investimentos na educação e as colaborações entre a equipe pedagógica, fazem toda a diferença nesse processo. Uma educação de qualidade requer compromisso, cuidado e disponibilidade para conhecer cada aluno, cada história e auxiliar em cada processo individualmente e de forma coletiva.

No próximo capítulo, serão discutidas com mais detalhes algumas questões educacionais que precisam ser levadas em consideração no processo de ensino/aprendizagem e desenvolvimento, a partir da perspectiva vigotskiana, em que se busca compreender melhor o papel do professor, sua relação com o aluno e a educação como um todo.

3 ASPECTOS EDUCACIONAIS

A educação é um fenômeno rico e extremamente complexo. Existem no mundo, diversas práticas educacionais que regem a educação, algumas se perpetuam ao longo da história. Como exemplo, tem-se a pedagogia tradicional que é uma das mais antigas práticas pedagógicas e que até hoje está presente nas escolas de todo o mundo. Mizukami (1986, p. 8) apresenta que na concepção tradicional, o adulto é um ser humano “pronto”, acabado, e a criança é considerada um adulto em miniatura, e este deve ser atualizado. Além disso, diz ainda que nessa abordagem, as formas de ensino serão centradas na figura do professor. Ou seja, o professor é visto como o detentor do conhecimento, é dele o papel de comandar e definir o que será transmitido ao aluno, e essa transmissão ocorre de maneira mecânica, de modo que o docente expõe todas as informações e os alunos, passivamente, as absorvem. Para Paulo Freire (1997, p. 62), é deste modelo educacional que surge a concepção de “educação bancária”, na qual o professor tem a função de encher os educandos com informações por meio de uma narrativa:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixarem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1997, p. 62)

Nota-se que neste modelo educacional, os estudantes não são estimulados a pensar criticamente, a construir pensamentos próprios, não participam ativamente do processo de ensino/aprendizagem, cabe a eles somente a imitação mecânica e reprodução dos conteúdos que lhes foram apresentados. Assim, como expõe Mizukami (1986, p. 11), “ao indivíduo que está “adquirindo” conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico”, ressaltando desse modo, o papel passivo do aluno, de simples receptor e reproduzidor do que lhe é transmitido.

A abordagem tradicional, apesar de ainda se fazer presente em muitas escolas, é bastante criticada, por diversos fatores, entre eles, está o fato de que dentro das salas de aulas tradicionais, não são consideradas as diferenças e a individualidade de cada aluno, todos os conteúdos são passados da mesma maneira para todos, independente das suas necessidades particulares, como afirma Mizukami (1986, p. 14): “ignoram-se as diferenças individuais, pois os métodos não variam ao longo das classes nem dentro de uma mesma sala”. Configurando-se, assim, como um problema que pode afetar a vida e o desenvolvimento de muitos alunos, pois à medida que não são consideradas as suas individualidades, o processo de

ensino/aprendizagem e desenvolvimento pode não trazer resultados satisfatórios para a vida dos educandos.

Além disso, no ensino tradicional, outro fator importante a se observar é a relação professor-aluno que, segundo Mizukami (1986), é uma relação vertical, e somente o professor tem o poder de decidir a metodologia que será usada, os conteúdos a serem passados, a forma de interação nas salas de aula etc. Nessa abordagem, o aluno não tem poder algum de decisão, cabe a ele somente a aceitação do que é transmitido pelo professor. É importante ressaltar também, que o poder de decisão quanto ao ensino e aos conteúdos passados é também da escola e da sociedade, o que julgam ser importante para os estudantes. Por isso a ideia de uma relação vertical, pois as decisões são tomadas e aplicadas de cima para baixo, não dando ao estudante poder de escolha.

Geralmente a metodologia utilizada nesse modelo educacional são “aulas expositivas e demonstrações do professor à classe, tomada quase como um auditório” (MIZUKAMI, 1986, p. 15), ressaltando mais uma vez a ação passiva do aluno de somente ouvir e reproduzir o que foi exposto pelo professor. Explicitando assim, como afirma a autora, que a relação professor-aluno é, em suma: “o professor é o agente e o aluno é o ouvinte” (MIZUKAMI, 1986, p. 16). Observa-se assim, que o destaque nesse processo é dado às ações do professor e não aos alunos. Nessa abordagem, a avaliação da aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, muitas vezes não condiz com o real nível em que o aluno se encontra, pois somente por meio de repetição e reprodução não é possível identificar o verdadeiro aprendizado, ficando muitas vezes, uma lacuna no desenvolvimento dos estudantes.

Exposto isso, tona-se possível perceber o motivo de essa ser uma abordagem tão criticada pelos estudiosos da educação. Segundo Rego (1995, p. 106), tomando como base a perspectiva vigotskiana, essa prática verbalista, baseada na transmissão oral de conhecimentos por parte do professor para seus alunos é:

...além de infrutífera, extremamente inadequada. Seus postulados apontam para a necessidade de criação de melhores condições na escola, para que todos os alunos tenham acesso às informações e experiências e possam efetivamente aprender. (REGO, 1995, p. 106)

É preciso pensar na educação como um instrumento para transformar vidas, educar e fazer com que a criança se desenvolva integralmente, para isso, deve-se levar em consideração diversos aspectos, dos quais, um dos mais importantes é tornar o estudante um ser ativo e participativo, o agente principal do processo de ensino/aprendizagem. Para tal, é necessário que inicialmente se busque conhecer o aluno, as suas potencialidades e dificuldades, quais são seus interesses, o que ele já sabe e o que precisa e tem condições de aprender de acordo com o nível

de desenvolvimento em que se encontra. E esse trabalho é predominantemente do professor e da equipe pedagógica, trabalho este extremamente importante ao longo de todo o processo.

Para Rego (1995), ao se estudar as obras de Vigotski, é possível que se tenha uma interpretação equivocada em relação ao papel do professor, pois muitas vezes este é considerado um simples ajudante, uma espécie de assistente no processo de ensino/aprendizagem dos estudantes. Porém é importante que se reconheça que sua função vai muito além, nessa perspectiva “a função que ele desempenha no contexto escolar é de extrema relevância já que é o elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos e das crianças com os objetos de conhecimento” (p. 115). Isto significa que o professor é quem irá conduzir as relações interpessoais na sala de aula, é ele quem, ao conhecer o aluno, suas dificuldades e potencialidades, buscará as melhores ações para que se estimule o desenvolvimento do estudante. Diferente da tradicional, na abordagem sociocultural, a relação professor-aluno é horizontal, sem imposição. Por meio do diálogo com os estudantes, o professor irá conhecê-los, identificar quais as necessidades individuais, qual o método que melhor se adequará para determinado grupo de aluno, e a partir disso, planejará suas ações para que se alcance resultados positivos em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento. Como explica Rego (1995, p. 116):

para que ele (o professor) possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços, reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças, ou melhor, as suas descobertas, hipóteses, informações, crenças, opiniões, enfim, suas "teorias" acerca do mundo circundante. Este deve ser considerado o "ponto de partida". Para tanto, é preciso que, no cotidiano, o professor estabeleça uma relação de diálogo com as crianças e que crie situações em que elas possam expressar aquilo que já sabem. Enfim, é necessário que o professor se disponha a ouvir e notar as manifestações infantis.

Ainda em relação ao papel do professor, Vigotski (2010, p. 448) diz que “cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social”. Complementando essa ideia, Teixeira e Barca (2019, p. 76) traz que,

Na concepção de Vigotski, o professor tem a responsabilidade de organizar todo o processo educativo de modo a impulsionar o desenvolvimento social da personalidade humana consciente de seus alunos em direção à constituição de um “conhecimento crítico”, sem dicotomizá-los de “sentimentos e valores éticos”, sem dicotomizar “intelecto” e “afeto”.

Pode-se compreender assim, quão importante é o papel do professor no processo educativo. É ele quem vai conduzir a aprendizagem, ele será o guia que levará os alunos ao conhecimento, cabe a ele regular e organizar as interações e o contato do estudante com o que precisa e poderá aprender. Tudo isso será possível com a identificação do nível de desenvolvimento atual dos educandos, por isso o professor precisa conhecê-los, saber quais

funções já estão efetivamente desenvolvidas e as que estão em vias de desenvolvimento e precisam ser estimuladas, identificando assim as ZDPs dos alunos, o que dará subsídios para traçar metas e planejar ações visando alcançar avanços no desenvolvimento. Nesse sentido, segundo Rego (1995, p. 107) “Vygotsky afirma que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem”.

Nessa abordagem, apesar de ser o professor que planeja as ações e as melhores maneiras de conduzir o ensino, sua relação com os alunos não é autoritária, pelo contrário, é fundamental que se mantenha uma relação horizontal, com diálogo, compreensão e empatia, em que seja possível identificar as fragilidades e potencialidades de cada um, de modo que educando e educador se sintam confortáveis para que consigam juntos atingir os mais elevados níveis de aprendizagem e desenvolvimento possíveis em cada etapa. Concomitante a essa ideia, Martins (1997, p. 118) diz que é necessário um ambiente educacional onde,

o professor seja o articulador dos conhecimentos e todos se tornem parceiros de uma grande construção, pois ao valorizarmos as parcerias estamos mobilizando a classe para pensar conjuntamente e não para esperar que uma única pessoa tenha todas as respostas para tudo.

Dessa forma, compreende-se que tanto professores quanto estudantes possuem um papel fundamental nesse processo. É possível identificar também que a relação entre educador e educando tem grande relevância. Como já foi visto, a interação com pares é um fator determinante para o desenvolvimento social e individual de cada aluno, dessa forma, proporcionar um ambiente no qual o aluno se sinta confortável e acolhido, é essencial para a sua aprendizagem. À vista disso, pode-se afirmar que,

A organização do trabalho docente nesta perspectiva é diferente a partir do momento em que estamos apontando que é possível construir relações válidas e importantes em sala de aula; cada um tem o seu lugar neste processo, e o aluno é alguém com quem o professor pode e deve contar, resgatando a sua autoestima e capacidade de aprender. (MARTINS, 1997, p. 118)

Assim, a relação professor-aluno é um diferencial no processo educacional. O professor, ao adotar metodologias que considerem o aluno como ser ativo e participativo, eleva as condições de desenvolvimento, proporciona oportunidades que seriam deixadas de lado caso fossem ignoradas as necessidades individuais da turma. E o aluno, ao se sentir compreendido, poderá alcançar níveis de desenvolvimento mais elevados. Sendo assim, Martins (1997) afirma que o papel do professor e do aluno não devem ser olhados como momentos isolados, mas, sim, convergentes entre si, e que todos os momentos de discussões e trocas colaboram para que se alcancem os objetivos traçados nos planejamentos de cada etapa.

Porém, é importante ressaltar que, nesse processo e nessas relações, é comum que surjam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que, a educação é um fenômeno em que devem ser levados em conta inúmeros fatores, pois para lidar com seres humanos é essencial reconhecer que todos têm uma história própria e particularidades. Todas as pessoas são diferentes, cada uma tem seu próprio ritmo e estilo de aprendizagem, que precisa ser respeitado. Tendo em vista esses aspectos, sabe-se que, em muitas situações, essas individualidades ainda são ignoradas ou tratadas de maneira inadequada, o que acaba gerando queixas escolares. Nas palavras de Dazzani (2014, p. 422): “por ‘queixa escolar’ entendem-se as demandas formuladas por pais, professores e coordenadores pedagógicos acerca de dificuldades e problemas enfrentados por estudantes no ambiente escolar”. Essas queixas podem ser decorrentes de diversos fatores, os quais devem ser bem analisados, para que não haja prejuízos na vida da criança.

Acerca disso, citando Cabral e Sawaya (2001), Dazzani (2014) aponta que dois fenômenos precisam ser observados, o primeiro é que entre 50% e 70% das crianças que são encaminhadas para serviços especializados, apresentam queixas sobre dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento; e o segundo são queixas nas quais os professores afirmam que os estudantes são indisciplinados, agressivos, têm dificuldade de aprendizagem, e colocam em pauta também as condições de vida da criança, o desinteresse dos pais pela educação dos filhos e a falta de interesse dos estudantes. Partindo disso, pode-se notar que a responsabilidade do sucesso ou fracasso escolar recai quase que totalmente sobre o estudante, são levados em conta fatores ligados ao próprio aluno e a sua vida familiar e cultural, e em alguns casos, como afirma a autora: “predomina ainda uma visão individualizante do fracasso escolar, que é centrado principalmente no aluno, mas, também, às vezes, na família ou no professor” (DAZZANI, 2014, p. 422). Visto isso, ressalta-se a importância de um ambiente educacional com um olhar atento para os alunos, de modo que se observe a queixa escolar de uma forma mais crítica, ampla e contextualizada, considerando-se nesse processo questões históricas, políticas, econômicas e sociais, assim como todos os envolvidos nesse processo, para que os educadores possam traçar estratégias válidas, de acordo com as necessidades educacionais específicas dos estudantes, bem como fazer o encaminhamento correto para os profissionais especializados, quando isso for necessário.

Em relação a queixa escolar, outro fator que deve ser levado em conta e que merece muita atenção e cuidado é o diagnóstico precoce e inadequado, pois a rotulação dos alunos, que atribui a eles a culpa pelo seu “fracasso escolar”, desconsiderando-se os vários fatores que se relacionam com as queixas e sem um conhecimento real das suas dificuldades, pode causar

danos severos à vida escolar, pessoal e social das crianças. Muitas vezes, ao perceber que o rendimento da criança está abaixo da média, os profissionais da educação envolvidos no processo, começam a atribuir-lhe rótulos que podem ser equivocados (CAMPOS, 1997). A autora ressalta ainda que existem, sim, alunos com real comprometimento, isso é indiscutível, o preocupante é o número elevado de alunos, principalmente das classes socioeconômicas mais baixas, que são identificados com dificuldades ou distúrbios de aprendizagem. Por isso, tem-se a necessidade de repensar e modificar as práticas educacionais desse processo, é preciso pensar uma metodologia que busque conhecer o aluno e a instituição escolar ao máximo, saber suas dificuldades e necessidades particulares para que se consiga extinguir a prática de rotulação. E, nesse processo, o professor tem um papel muito importante por ser o profissional que está mais próximo dos estudantes, sendo ele que geralmente identifica de uma forma inicial os problemas na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, porém é preciso aceitar que esta busca de mudança,

embora almejada, é de operacionalização extremamente complexa, em vista das condições de atuação do professor: número de alunos por sala, necessidade econômica de ministrar aulas em várias escolas, formação precária (CAMPOS, 1997, p. 127).

Vê-se, assim, que apesar de o professor ser um agente fundamental na desconstrução da rotulação indevida dos estudantes, há vários fatores que dificultam alcançar tais objetivos: desvalorização da profissão, baixos salários, formação que não abrange as demandas essenciais para a prática profissional, falta de políticas públicas e investimento na área da educação, entre outras questões que prejudicam a atuação do docente. Além de maior valorização e melhorias nas condições de trabalho, a formação inicial e continuada desses profissionais deve contemplar e promover uma educação inclusiva e de qualidade.

Como citado anteriormente, a queixa escolar geralmente está relacionada a dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, porém, é comum que se utilizem rótulos de forma indevida, por não se conhecer verdadeiramente as características de cada um. Cabe aqui, fazer uma breve definição desses conceitos para que se conheça, e reconheça que são casos diferentes. Distúrbio de aprendizagem, segundo Campos (1997, p. 128),

é compreendido como o termo utilizado para explicar comprometimentos neurológicos que interferem na percepção e no processamento da informação pelo aluno, impedindo sua aprendizagem. O distúrbio é considerado um termo genérico referente a um grupo heterogêneo de distúrbios que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e no emprego da capacidade para ouvir, falar, ler, escrever, raciocinar e calcular. Estes distúrbios são intrínsecos e presumivelmente se devem a uma disfunção do sistema nervoso central, não sendo resultantes de condições deficientes ou influências ambientais.

Observa-se que os distúrbios de aprendizagem ocorrem por questões biológicas e o seu diagnóstico precisa ser feito com muito cuidado, ao serem identificadas no aluno características como,

déficit de atenção, falhas no desenvolvimento e nas estratégias cognitivas para a aprendizagem, dificuldades na habilidade motora, dificuldade perceptual e problemas no processamento da informação recebida, dificuldade na linguagem oral e escrita, dificuldade na leitura, dificuldade em raciocínio matemático e comportamento social inapropriado (CIASCA, 1991, apud CAMPOS, 1997, p. 129)

Como exemplo, pode ser citado a Dislexia, que segundo a Associação Brasileira de Dislexia [ABD] (2016), “é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração.” Ao identificar alguma(s) dessa(s) característica(s), o estudante pode ser encaminhado para profissionais especializados, que farão um acompanhamento, a fim de identificar corretamente e conhecer os motivos reais que estão interferindo em seu desenvolvimento, com o fim de constatar se ele possui ou não um distúrbio de aprendizagem.

Quanto às dificuldades de aprendizagens, Campos (1997), citando Ciasca (1991), traz que problema ou dificuldade de aprendizagem provém de fatores que podem ser removidos mais facilmente, não necessariamente vindos de causas orgânicas. A autora ressalta ainda que, essas questões precisam ser muito bem analisadas, para que não seja dado um diagnóstico inadequado, que dificulte ainda mais o processo de ensino/aprendizagem, comprometendo o desenvolvimento do estudante.

Além disso, é válido destacar que as queixas que surgem na escola precisam ser consideradas também nesse contexto, com a efetivação de uma educação inclusiva, que priorize as crianças e seus desenvolvimentos, levando em consideração que toda criança tem características únicas que devem ser respeitadas. Acerca dessa questão, a Declaração de Salamanca afirma que:

toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem [...] aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 1).

Desse modo, todas as crianças têm direitos educacionais iguais e todas as diferenças devem ser consideradas e respeitadas ao longo de todo processo. As instituições de ensino devem incluí-las em toda e qualquer atividade dentro do ensino regular. É fundamental que existam as salas de Atendimento Educacional Especializados (AEE), porém para complementar e/ou suplementar o ensino, pois colocar as crianças com deficiência, distúrbios ou problemas

de aprendizagem e altas habilidades/superdotação em uma sala separada é somente integrar, a inclusão vai muito além. Pacheco e Alves (2007, p. 246) apresentam a inclusão social como um processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir as pessoas com deficiência em todos os sistemas, ao mesmo tempo em que elas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. Ressaltam ainda que este deve ser um processo bilateral no qual tanto a pessoa que é excluída do meio social quanto a sociedade, buscam solucionar os problemas, visando equiparar as oportunidades para todos. Assim, a sociedade deve adequar-se para proporcionar às pessoas com deficiência meios para que se desenvolvam, façam parte e atuem ativamente em todos os âmbitos sociais.

Além disso, em relação aos acessos necessários para a inclusão, Sassaki (2009) apresenta seis dimensões fundamentais da acessibilidade, que são:

Arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SASSAKI, 2009, p. 1-2)

Assim, ele ressalta que a sociedade deve se adequar para que toda e qualquer pessoa, independentemente das suas necessidades individuais, seja livre e usufrua dos seus direitos, sendo assegurado a todos, a oportunidade de se desenvolverem social e individualmente, tendo o apoio necessário para que isto ocorra.

Além disso, a Declaração de Salamanca, documento elaborado na Conferência Mundial de Educação Especial de 1994, menciona que: “o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter” (Declaração de Salamanca, 1994, p. 5). Mas, para que isso se efetive, é imprescindível que haja políticas públicas que garantam o acesso, a permanência e a real aprendizagem dessas crianças. De acordo com Sassaki (2009, p. 2), a Constituição Federal traz que,

a) É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o direito à (...) educação (...), além de colocar as pessoas a salvo de toda forma de negligência e discriminação [via acessibilidade total]. Diz também que o Estado obedecerá ao preceito de facilitar o “acesso aos bens e serviços coletivos [por ex., bibliotecas], com a eliminação de preconceitos [via acessibilidade atitudinal] e obstáculos arquitetônicos [via acessibilidade arquitetônica]” (art. 227, § 1º, II).

Garantir o acesso de crianças com deficiência, dificuldades ou distúrbios de aprendizagem às instituições educacionais é dever do Estado, junto a isso, está o dever da escola e da família que também tem papel fundamental nesse processo. A garantia de acessibilidade e

inclusão é um trabalho em conjunto e de responsabilidade de todos. À família cabe acompanhar, incentivar e apoiar as crianças em todas as etapas do ensino e da vida, compreendendo seu tempo, sua maneira de viver e se desenvolver. À escola, compete buscar metodologias de ensino que se adequem a todas as crianças, valorizando as diferenças, com afeto e respeito por cada estudante. A criança precisa se sentir acolhida, respeitada e estimulada para que aprenda e se desenvolva, nesse sentido a Declaração de Salamanca evidencia que:

Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. [...] Professores, no entanto, possuem um papel fundamental enquanto administradores do processo educacional, apoiando as crianças através do uso de recursos disponíveis, tanto dentro como fora da sala de aula (Declaração de Salamanca, 1994, p. 3 e 10).

Dessa forma, ao acolher um estudante com necessidades educacionais específicas, vê-se na educação a necessidade de traçar caminhos e buscar maneiras para que o ensino se adeque e seja acessível a todos os alunos, visando atingir os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de todos.

Vigotski (2011), em seu artigo sobre a defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança “anormal”², apresenta a importância da dimensão social no desenvolvimento humano. O autor diz que as funções psicológicas superiores são formadas com bases sociais, e ao longo da história a humanidade se deparou com obstáculos nos “caminhos diretos” do desenvolvimento, criando caminhos indiretos para que ele ocorra. Nesse sentido, foram criadas soluções indiretas, que se enraizaram na cultura e são oferecidas às crianças de forma imperceptível. Segundo o autor, “a estrutura do caminho indireto surge apenas quando aparece um obstáculo ao caminho direto, quando a resposta pelo caminho direto está impedida.” (VIGOTSKI, 2011, p. 865).

Percebe-se, então, o desafio que a escola tem para incluir todos os alunos, tendo em vista que grande parte do aparato educacional e social está organizado para as pessoas sem deficiência, e em grande parte das vezes esse sistema não está adequado para todos. Quando isso ocorre, pode-se compreender que o desenvolvimento biológico se difere do cultural. Vigotski (2011) explicita que, se uma criança com deficiência for entregue ao seu desenvolvimento natural, ela não conseguirá desenvolver determinadas funções, como exemplo, uma criança cega, que sozinha nunca dominará a escrita convencional. Nesses casos, compreende-se que o desenvolvimento social impacta profundamente o biológico, pois à medida que são elaboradas técnicas artificiais para auxiliar na evolução das crianças, elas

² O termo “anormal”, assim como o termo “defectologia”, foram utilizados em virtude da época em que o estudo foi realizado pelo autor, mas atualmente se considera a deficiência como parte da diversidade humana.

conseguem progredir consideravelmente, e atingir níveis de desenvolvimento que não seriam possíveis pelos meios naturais. Nesses casos, a educação surge como um diferencial na vida dessas pessoas, pois ela “surge em auxílio, criando técnicas artificiais, culturais, um sistema especial de signos ou símbolos culturais adaptados às peculiaridades da organização psicofisiológica da criança anormal” (VIGOTSKI, 2011, p. 867).

Por esse motivo, é importante que os profissionais da educação tenham um olhar extremamente atento para todas as crianças, de modo que consigam identificar as necessidades individuais de cada uma, quais são as dificuldades e quais meios precisam ser elaborados para que todos possam aprender e se desenvolver em cada etapa, incluindo aquelas com deficiência, com distúrbios ou dificuldades de aprendizagem. Vigotski (2011) traz ainda, a importância de não enxergar as características dessas crianças de forma negativa, identificando somente suas faltas, pois há inúmeros caminhos indiretos para o desenvolvimento, que só serão possíveis pelos meios culturais, sendo o desenvolvimento cultural “a principal esfera em que é possível compensar a deficiência. Onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2011, p. 869).

Diante de todos os aspectos expostos até aqui, pode-se compreender a importância que tem a educação na vida de uma criança. O quão significativo é quando se tem nesse processo profissionais comprometidos e que buscam verdadeiramente fazer a diferença na vida das pessoas, que sabem a responsabilidade que carregam consigo e que buscam a cada dia atingir seus objetivos e educar a criança integralmente, junto com as condições necessárias para isso, oferecendo oportunidades significativas e meios adequados para que atinjam os seus objetivos. Um professor que vê o aluno como um ser ativo, capaz, com inúmeras potencialidades, mas que compreende também suas dificuldades e o ajuda a superá-las, é sem dúvidas, um diferencial em seu processo educativo. Muitos desses aspectos serão ilustrados no filme descrito a seguir. No entanto, para isso, vale ressaltar a importância de uma formação docente inicial e continuada que prepare para uma prática ética e socialmente comprometida, considerando também a temática da educação inclusiva, assim como melhores condições de trabalho para os professores, além de um trabalho coletivo e dialogado entre a equipe pedagógica das escolas.

4 METODOLOGIA

O presente estudo tem como objetivo geral observar o papel da mediação docente no processo de aprendizado e desenvolvimento de um estudante com dislexia. Especificamente, buscou-se analisar de que modo a mediação docente pode promover o desenvolvimento desse estudante; e refletir sobre a importância do professor no processo de inclusão escolar.

Para tal investigação, realizou-se uma análise fílmica que, segundo Penafria (2009), seria sinônimo de decompor o filme. Para isso, são necessárias duas etapas importantes: “em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (PENAFRIA, 2009, p. 1). A autora apresenta ainda que a decomposição está relacionada à imagem (descrever plasticamente os planos em relação ao enquadramento, composição, ângulo), ao som e a estrutura do filme (planos, cenas, sequência), tendo essa análise, o objetivo de explicar/esclarecer o funcionamento do filme, e propor uma interpretação, tratando-se de uma atividade que separa, que desune elementos. Após a identificação desses elementos, é necessário articulá-los. Em suas palavras:

Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme. Não se trata de construir um outro filme, é necessário voltar ao filme tendo em conta a ligação entre os elementos encontrados. O filme é o ponto de partida para a sua decomposição e é, também, o ponto de chegada na etapa de reconstrução do filme. (PENAFRIA, 2009, p. 2)

A autora traz que, para essa análise, é necessário ter objetivos estabelecidos a priori, tratando-se de uma atividade que exige observação rigorosa, atenta e detalhada. A partir disso, foi realizada a análise de conteúdo, a qual ainda segundo a mesma autora, considera o filme como um relato. Ela requer a identificação do tema, seguida do resumo da história e da decomposição do filme, relacionando-o com o tema identificado.

Considerando os objetivos propostos, inicialmente foi realizado um resumo sobre o filme “Como estrelas na Terra: Toda criança é especial” e na sequência foram selecionadas quatro cenas do filme para serem analisadas com base no referencial teórico estudado. A seleção das cenas se deu com base na relevância para a discussão, levando em consideração os objetivos do estudo.

A primeira cena escolhida, denominada de “O ensino tradicional e seus desafios”, mostra o ensino tradicional e como o personagem principal, Ishaan, era tratado na primeira escola que frequentou, inicia-se aos 22 minutos e 23 segundos do filme e tem duração de 2 minutos e 50 segundos. Na segunda cena, “Conhecendo a realidade do aluno”, o professor da

nova escola que o menino frequenta vai até a casa de seus pais para conversar sobre as dificuldades apresentadas por ele, ela se passa à 1 hora, 36 minutos e 48 segundos, com duração de 9 minutos e 40 segundos. A terceira cena, denominada de “Reconhecendo as diferenças”, mostra uma aula em que o professor expõe cientistas que tiveram dificuldades de aprendizagem, a cena ocorre à 1 hora, 49 minutos e 12 segundos, tendo duração de 7 minutos e 30 segundos. A quarta cena, denominada de “Nova metodologia, novas aprendizagens”, mostra algumas atividades realizadas pelo professor para auxiliar no desenvolvimento do estudante, ela se passa em 2 horas, 3 minutos e 5 segundos, e tem duração de 3 minutos e 50 segundos.

De acordo com o site Wikipédia³, o filme “Como estrelas na Terra: toda criança é especial”, é uma produção indiana intitulada originalmente “Taare Zameen Par - Every Child is Special”. Ele estreou nos cinemas em dezembro de 2007, foi lançado em DVD na Índia em 2008, e em 2010 seus direitos autorais foram vendidos à *Walt Disney Home Entertainment* para ser comercializado no Reino Unido, Estados Unidos e Austrália, como “*Like Stars on Earth*”. A obra ganhou grande relevância, principalmente no âmbito educacional, por tratar de diversos temas importantes a serem discutidos na área, como a relação professor-aluno, a afetividade, as formas de lidar com as queixas escolares, entre outras questões significativas.

Ele é do gênero infantil e comédia dramática, e foi produzido e dirigido por Aamir Khan, que também atua no filme como Professor Nikumbh. Com duração de 162 minutos, está atualmente disponível em vários websites, entre eles *Netflix* e *YouTube*, nos idiomas inglês e híndi, com legendas em vários idiomas, como alemão, inglês, francês, italiano, português do Brasil.

A seguir serão apresentados os resultados e a discussão, iniciando com um breve resumo do filme e seguindo para a análise das cenas escolhidas, com base no referencial teórico estudado.

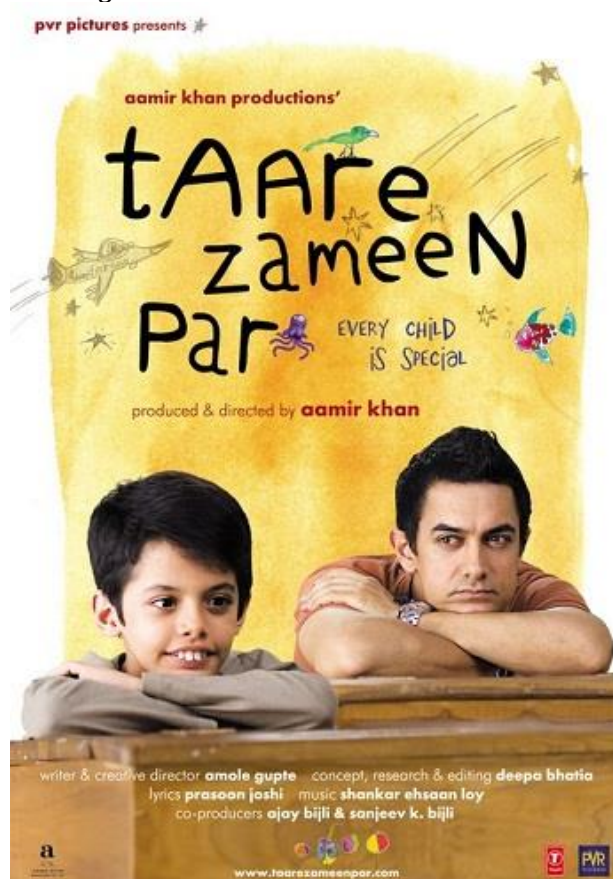
³ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Taare_Zameen_Par . Acesso em: 27 set. 2021

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Breve relato sobre o filme

O longa-metragem conta a história de Ishaan Awasthi (Darsheel Safary), um menino de nove anos que vive com sua família em uma pequena comunidade na Índia. Enquanto seu irmão mais velho, Yohaam Awasthi (Sachet Engineer), é um dos melhores alunos da turma, com notas altíssimas, Ishaan apresenta muitas dificuldades na escola e está prestes a repetir a terceira série pela segunda vez. O menino diz que as letras dançam na sua frente, não consegue acompanhar e prestar atenção nas aulas e se distrai muito facilmente. Em casa, ele não consegue se vestir sozinho, não amarra seus sapatos, sua coordenação motora não é tão desenvolvida, mas ele possui outras habilidades, sendo uma delas: o desenho. Suas pinturas e seus traços são muito bem executados. A escola que Ishaan frequenta no início do filme utiliza uma pedagogia extremamente tradicional e autoritária, que não admite erros. Assim, por ele não alcançar notas satisfatórias e apresentar baixo rendimento, ele é incompreendido pela família e pelos professores, sofrendo com castigos, punições e bullying. Todos acreditam que a sua dificuldade se dá apenas por indisciplina e falta de interesse; seu pai, Nandkishore Awasthi (Vipin Sharma), sempre o trata de forma rude e insensível e o menino se sente cada vez mais sozinho e desmotivado. O pôster do filme pode ser observado a seguir, na figura 1.

Figura 2 - Pôster do filme Taare Zameen Par



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Taare_Zameen_Par. Acesso em: 07 de dez. 2021

Ao serem convocados para uma reunião, os pais são informados que Ishaan não consegue acompanhar a turma, seu rendimento não é satisfatório e a instituição não pode fazer mais nada por ele; a diretora diz que talvez ele tenha algum “problema”, por isso deveria ser enviado a uma escola especial⁴. O pai se revolta com a ideia e diz que não tem um filho “retardado”, então decide tirá-lo do colégio e mandá-lo para um internato. Essa decisão deixa o garoto aflito, ele implora incansavelmente para que o pai mude de ideia, mas não adianta, mesmo contra sua vontade ele é levado para longe de sua casa e de sua família. Ao chegar ao internato, que possui o lema “Ordem, disciplina e trabalho”, e se deparar sozinho em um lugar estranho, Ishaan fica deprimido, não se alimenta e chora o tempo inteiro. Na sala de aula, sente-se intimidado pela autoridade severa dos professores e não consegue fazer o que lhe é solicitado, tornando-se motivo de risada entre os colegas. Os professores o taxam de “burro”, “retardado”, “preguiçoso”, o que faz com que o aluno se sinta cada vez mais apreensivo e com medo das punições. Com tantas cobranças, o menino se desespera, sendo preciso que chamem os pais para visitá-lo e tentarem acalmá-lo; o seu irmão o presenteia com um kit que pintura completo na tentativa de animá-lo, mas nada o deixa feliz.

Um novo professor de artes substituto chega à escola para dar aulas, mas não é um professor tradicional como os outros, Nikumbh (Aamir Khan) tem uma metodologia que não segue à risca as normas da escola. Sua primeira aula é animada, com música, cores e dança. A atividade que propõe é uma pintura livre, permitindo que as crianças soltem e explorem a imaginação, o que causa estranheza aos alunos por estarem acostumados com uma rotina tão rígida. O “clima” na sala de aula muda completamente, é nítida a alegria e o bem-estar das crianças aproveitando o momento de liberdade. Mesmo amando e com muita habilidade para as artes, como a pintura, Ishaan segue deprimido, sem demonstrar interesse algum em participar de qualquer atividade. Então, o professor o percebe e questiona se há algum problema, mas o menino não responde. Ele não se expressa, não fala, está cada dia mais triste e solitário, e sempre fica assustado com a aproximação de algum docente.

Ao notar o comportamento do garoto, o professor de artes se preocupa e procura saber o que aconteceu com ele. Após conversar com um amigo da criança, Nikumbh vai até os cadernos dela para procurar respostas e vê que há inúmeras correções, percebe que o menino

⁴ Apesar do relato presente no filme, no presente estudo se defende a educação especial apenas na perspectiva da educação inclusiva.

faz confusões com as letras e números, inverte a ordem das sílabas nas palavras, algumas com escrita espelhada, e não consegue resolver operações simples. Querendo compreender melhor o que se passa com Ishaan, o educador viaja até a casa de seus pais.

Chegando lá conversa com os pais do menino e pede para ver os cadernos dele, identificando as dificuldades que ele possui, mostrando aos pais que há um padrão nos erros de grafia que comete, apresentando também dificuldades para ler, não relacionando os significados com as palavras. O pai do menino insiste que o seu problema é somente indisciplina, mas o professor explica o que ocorre com o menino, que possui um transtorno de aprendizagem, a dislexia.

Nikumbh volta à escola e sabendo que Ishaan precisa de suporte em seu desenvolvimento escolar e emocional, procura formas para chamar a sua atenção. Antes de iniciar a aula, vai ao menino e mostra o *flip book*⁵ que ele desenhou contando a história da separação com a família, o que o deixa muito assustado. O educador dá sequência a aula contando a história de um garoto que tinha muita dificuldade nos estudos, não sabia ler ou escrever, não reconhecia as letras e elas “dançavam” diante dos seus olhos, Ishaan o olha assustado, pois a história que o professor contou descrevia perfeitamente a sua, mas se surpreende quando o nome citado foi Albert Einstein – criador da teoria da relatividade –. O professor citou ainda o nome de vários outros artistas, que tinham transtornos ou dificuldades de aprendizagem, mas que realizaram grandes contribuições ao mundo. Ao ouvir as histórias, Ishaan atentamente olha para o professor, mas continua ainda muito assustado. Para completar a aula, eles foram desafiados a criarem algo diferente, com os objetos que encontrassem, pedras, palitos, lixo, todos amaram a ideia e saíram em direção ao lago do colégio. Após todos deixarem a sala, Nikumbh pede que Ishaan permaneça e ao se aproximar, conta que há um nome que não foi mencionado, o menino apreensivo o olha acreditando que seria dito o seu nome, mas o professor menciona, Ram Shankar Nikumbh, ou seja, ele mesmo, que assim como Ishaan e todas as outras personalidades citadas, também teve dificuldades de aprendizagem na infância, mas conseguiu alcançar seus objetivos. No lago da escola, junto com toda a turma, Ishaan retira do bolso uma sacola com alguns objetos em que guarda, palitos, linhas, elásticos, e com o que encontra no local, monta um objeto que consegue flutuar na superfície da água, deixando todos os colegas impressionados. O professor demonstra felicidade por ver que o menino estava voltando a ter interesse em participar das atividades.

⁵ Em português **folioscópio**: coleção de imagens organizadas sequencialmente, em geral no formato de um livreto para ser folheado dando impressão de movimento, criando uma sequência animada sem a ajuda de uma máquina. [<https://pt.wikipedia.org/wiki/Foliosc%C3%B3pio>]

Nikumbh vai até o diretor conversar sobre Ishaan, que ao ouvir o nome do garoto já supõe que seria mais uma reclamação como fizeram todos os outros docentes, mas não, ouve que o menino possui uma inteligência acima da média, mas que a Dislexia dificulta o seu aprendizado da leitura e da escrita. O diretor, então, sugere que ele precisa ser transferido para uma escola especial, mas o professor de artes não aceita e diz que ele e todas as crianças têm o direito de frequentarem uma escola regular, e tudo que o menino precisa é do suporte dos profissionais da escola. O superior questiona: “como a criança irá se virar no internato, em todas as disciplinas exigidas?”, e Nikumbh diz que ele irá conseguir se contar com a ajuda de todos os professores, e se disponibiliza para ajudá-lo diretamente, explica que suas habilidades estão em outras áreas, mostrando os seus desenhos e pinturas e argumentando que toda criança possui seu próprio talento, pedindo que, por enquanto, o menino seja avaliado apenas oralmente, levando em consideração o seu conhecimento.

Com a autorização do diretor, o professor Nikumbh inicia seu trabalho com Ishaan, buscando as melhores maneiras, as melhores metodologias, de uma forma acessível e adequada, buscando promover o desenvolvimento do garoto. Ele inicia as atividades mostrando os seus cadernos, auxiliando-o a identificar quais erros comete; usa uma caixa de areia para trabalhar as letras, enfocando as letras iniciais das palavras; explora os sentidos, desenhando as letras no braço da criança para que ela, de olhos fechados, identifique-as; utiliza também a pintura para auxiliar no processo de identificação das diferenças entre as grafias; com a massa de modelar, eles fazem esculturas de vários objetos e do alfabeto, explorando também as habilidades artísticas de Ishaan; o professor utiliza também jogos que desenvolvem a coordenação motora, possibilitando a melhoria na escrita. O menino já começa a identificar as letras, as diferenças entre grafias semelhantes, passa a ler pequenas frases e textos. As atividades envolvem também os números, as operações simples, tudo de forma que seja prazeroso e adequado, para que o aprendizado seja alcançado. Diante de todo esforço, sua escrita e leitura avançam consideravelmente, pois ele consegue ler fluentemente e escrever de forma legível.

Após alguns dias, o pai de Ishaan vai até o colégio em que o filho está para conversar com o professor de artes. Ao encontrá-lo, diz que sua esposa leu sobre dislexia, para que o professor não ache que eles não se importam com a criança, mas o educador o explica que se importar é bem diferente do que estavam imaginando, é necessário demonstrar carinho, apoiar o filho, entender suas dificuldades. Ao sair da sala, depara-se com o garoto lendo o cartaz do concurso de pintura que está sendo organizado pelo professor Nikumbh.

Ishaan, que já consegue se vestir sozinho, amarrar seus sapatos e se pentear, no dia do concurso se arruma e sai, pouco antes do sol nascer. Enquanto todos estão chegando ao

anfiteatro (professores, alunos e convidados), Nikumbh sente falta do menino e fica preocupado ao ser informado que ele saiu do dormitório antes de todos acordarem. No concurso, até os professores mais rígidos entram no “clima” de diversão. Após algum tempo, já iniciado o concurso, Ishaan chega ao local, e procura um canto reservado para começar a pintura, enquanto isso, o professor também põe em prática suas habilidades artísticas. Ao finalizar, o menino vai até ele mostrar sua arte e Nikumbh mais uma vez fica maravilhado com tamanho talento, e Ishaan também fica surpreso e emocionado ao ver que o professor pintou uma tela com o seu rosto. O diretor anuncia que a melhor pintura estaria na capa do anuário do colégio e que há duas pinturas que poderiam ser consideradas vencedoras, mas como isso não é possível, foi escolhido “o discípulo ao invés do mestre”, isto é, Ishaan, o vencedor, emocionando a todos.

Ao final do ano, os pais do menino vão até o colégio e são surpreendidos com o avanço dele em todas as disciplinas, o diretor e os professores elogiam muito o seu progresso, os pais parecem não acreditar no que ouvem e se emocionam ao ver que Ishaan mudou positivamente seu comportamento, pois está nitidamente muito mais feliz, o que faz com que fiquem muito gratos ao professor Nikumbh, por ser fundamental para o avanço no desenvolvimento do filho e Ishaan expressa a sua gratidão correndo ao encontro do professor emocionado para abraçá-lo ao se despedir.

5.2 Análise das cenas do filme

5.2.1 Cena 1: O ensino tradicional e seus desafios

No longa-metragem, Ishaan frequenta, inicialmente uma escola que adota uma prática pedagógica bastante rígida. O menino se distrai facilmente, não consegue acompanhar e realizar as atividades propostas e conseqüentemente se desenvolver. Em uma aula de português, Ishaan se distrai olhando para uma poça de água que vê pela janela, a professora percebe e grita para chamar a sua atenção, ditando uma série de informações: “página 38, capítulo 4, parágrafo 3”; e ordenando na sequência que o menino leia a frase e destaque os adjetivos. Ishaan fica assustado, pois não consegue seguir as ordens, sendo necessário a ajuda de um colega para localizar o texto no seu livro. O estudante olha para o livro tentando identificar o que está escrito, mas não consegue, enquanto isso, a professora continua insistindo: – “Apenas leia a frase, Ishaan”, mas ele diz que as letras estão “dançando”, sendo motivo de risada para toda a turma. A professora se irrita ainda mais, mandando-o ler as “letras dançarinas”, ele tenta novamente, sem sucesso, e ela continua gritando para que ele leia em alto e bom som, até que o aluno começa a emitir um som desconhecido fazendo com que os alunos caiam na risada. A docente, aborrecida e achando que o aluno estava somente fazendo graça, ordena que ele saia

de sala. Todos acham que Ishaan é desobediente e preguiçoso, o que faz com que o menino se sinta cada vez mais deprimido e desestimulado, fazendo-o perder o interesse pelos estudos.

Nessa situação, é possível identificar como ocorre a pedagogia tradicional e os danos que ela pode causar. De acordo com essa metodologia de ensino, não há um olhar para as singularidades dos alunos, os conteúdos são passados igualmente para todos, de forma rígida. Mizukami (1986, p. 14) expõe que nesse modelo educacional ignoram-se as diferenças individuais, os métodos não variam ao longo das classes nem dentro da mesma classe, preocupa-se mais com a variedade e quantidade de informações, conceitos, do que com a formação do pensamento reflexivo. Nas práticas educacionais tradicionais, não se busca compreender as dificuldades do aluno, não há um olhar atento e não é dada atenção aos interesses particulares de cada um, todo conteúdo é passado igualmente e cada aluno é responsável por absorvê-lo exatamente como é transmitido. Todos esses aspectos causaram muito sofrimento a Ishaan, além disso ele era rotulado por todos de “burro”, “preguiçoso” e “desobediente”, o que estava o deixando cada vez mais desmotivado, não demonstrando mais nenhum interesse pelos estudos.

Ao serem ignoradas as singularidades dos alunos, é extremamente difícil que todos os alunos possam se desenvolver, atrelado a isso, é comum que a culpa pelo baixo rendimento nas aulas seja do próprio aluno, recai sobre ele toda a responsabilidade para progredir nos estudos, sendo ignorados vários outros fatores, como exemplo, a prática enrijecida e cristalizada utilizada pela escola. Sobre isso, Dazzani (2014, p. 425) afirma que “apesar de a escola ser um espaço de aprendizagem e formação, tem sido também palco de exclusão do aluno que não consegue aprender, o que a torna reprodutora do fracasso escolar”. Observa-se no filme que Ishaan é considerado o único culpado por não conseguir aprender na sala de aula. Quando ele não consegue ler o que a professora solicitou, ele é posto para fora da sala pela desobediência, sendo motivo de riso entre os colegas. Além da professora, os pais do menino o culpam e o punem pelo baixo rendimento, e a diretora diz que se ele continuar da maneira como está terá que trocá-lo de escola, reforçando assim que a correção precisa ser feita no aluno, não na escola. Ao entrar no internato para o qual foi transferido pelos pais como punição, Ishaan não consegue atingir os resultados esperados, e continua sendo chamado de ‘burro, fracassado, idiota, preguiçoso, maluco’, adjetivos que continuam rotulando o aluno, sem ser levada em conta os fatores que acarretam o mal desempenho do estudante, sendo possível identificar que a escola em questão não está preparada para receber todos os alunos, e alguns se tornam um problema, pois as metodologias utilizadas são rígidas e não possibilitam adequação para as necessidades específicas das crianças.

5.2.2 Cena 2: Conhecendo a realidade do aluno

A chegada do professor de artes no internato é um divisor de águas na vida de Ishaan, pois ao perceber as dificuldades do menino, Nikumbh vai em busca de conhecê-lo, entender suas necessidades e os motivos pelos quais não aprende. Querendo compreender melhor o que se passa com Ishaan, o educador viaja até a casa de seus pais. Ao chegar, pede para olhar os cadernos e para a sua surpresa se depara com uma pintura feita pelo menino, fica impressionado ao descobrir que a criança ama pintar e desenhar, e se encanta com a sua criatividade e todas as artes feitas por ele. Depois de tudo que ver, o professor identifica a dificuldade de Ishaan, ele percebe e tenta mostrar aos pais que há sempre um padrão nos erros cometidos, Ishaan sempre confunde letras similares, no lugar de “B” escreve “D” e vice-versa, o “S” e o “R” sempre estão invertidos, “H” e “T” como imagens refletidas, ele escreve a grafia da mesma palavra de forma distinta e também troca palavras com grafia parecida, como “anda” e “nada”, além de ter dificuldade para ler algumas palavras, por isso não as relaciona com os seus significados. O pai do menino ainda acredita que seu único problema é a indisciplina, mas o professor mostra por um exemplo o que se passa com Ishaan: ele pede para o pai ler uma frase em uma língua que ele não tem domínio, o obriga e grita com ele e, assim, mostra que Ishaan também não consegue reconhecer as letras, possuindo um transtorno de aprendizagem chamado Dislexia.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia [ABD] (2016), alguns dos sinais que podem surgir na idade escolar são: dificuldades no desenvolvimento da coordenação motora, desatenção e dispersão, dificuldade na aquisição da leitura e da escrita e desorganização geral. Vários desses sinais, podem ser percebidos em Ishaan: ele apresenta muita dificuldade na leitura, diz que ‘as letras dançam’, na sua escrita sempre existem vários erros que seguem um padrão, com letras trocadas ou espelhadas, na matemática não consegue resolver operações simples, e está a todo momento se distraindo, sua coordenação motora também não é bem desenvolvida. Ao perceber algumas dessas características no menino, o professor busca informações, tenta conhecê-lo e identificar qual o nível de desenvolvimento em que ele se encontra, sendo esse o primeiro passo para iniciar o processo de ensino, como afirma Rego (1995, p. 116):

para que ele (o professor) possa intervir e planejar estratégias que permitam avanços, reestruturação e ampliação do conhecimento já estabelecido pelo grupo de alunos, é necessário que conheça o nível efetivo das crianças (...) Este deve ser considerado o "ponto de partida".

Na perspectiva histórico-cultural, apenas dessa maneira será possível elaborar planos e estratégias que sejam eficazes para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno, e é a partir do conhecimento do nível efetivo em que Ishaan se encontra que o professor consegue planejar

suas ações visando atingir resultados satisfatórios em relação ao desenvolvimento do estudante. Ele percebe que, para Ishaan, a metodologia utilizada na escola que frequenta não é adequada, claramente ele não conseguirá avançar e continuará sem atingir bons resultados, as atividades mecânicas de repetição e cópia em nada favorecem o desenvolvimento do menino. Assim, vê-se a importância de se conhecer o aluno, suas dificuldades e potencialidades, o que sabe e o que pode aprender, configurando-se assim, a importância de se identificar a Zona de Desenvolvimento proximal do aluno, pois como afirma Rego (1995, p. 108) “a escola desempenhará bem seu papel. na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe, ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos”.

Pode-se perceber que diferentemente dos outros professores, Nikumbh tem um olhar atento, ele consegue enxergar além dos erros apresentados pelos estudantes e identifica que o problema de Ishaan não é preguiça e desobediência, mas o menino precisa de cuidado, atenção e estratégias adequadas de ensino. A rigidez com que é tratado pelos demais professores e pelos pais, dificulta ainda mais o seu aprendizado. Além de reconhecer as dificuldades do menino, o professor tenta ainda conscientizar os seus pais do que ocorre com ele, mostrando que não é mal comportamento ou falta de interesse. É importante destacar que é fundamental nesse processo, assim como de todos os alunos, o apoio familiar e a parceria entre família e escola, para que se possa identificar dificuldades e promover o desenvolvimento.

5.2.3 Cena 3: Reconhecendo as diferenças

Após a investigação feita pelo professor de artes sobre o que estava acontecendo com Ishaan e os motivos pelos quais ele não aprendia, Nikumbh planeja suas ações e inicia a aula contando a história de um garoto que não sabia ler ou escrever, não reconhecia as letras e elas “dançavam” diante dos seus olhos, sempre ia mal nos estudos, sua mente era cheia, mas nada fazia sentido, até que um dia o mundo conheceu sua teoria e todos ficaram maravilhados. Ishaan o olha assustado, pois a história que o professor contou descreveu perfeitamente a sua, mas se surpreendeu quando o nome citado foi Albert Einstein – criador da teoria da relatividade –. Vários outros artistas foram citados, personalidades importantes que mudaram o mundo com suas teorias, como: Leonardo Da Vinci – criou o esboço de um helicóptero ainda no século XV –, Thomas Edison – inventor da eletricidade –, Pablo Picasso – famoso pintor cubista –, todos com algum tipo de dificuldade ou transtorno de aprendizagem, mostrando que em todos os lugares há “pedras preciosas” que desafiaram os caminhos do mundo e que mesmo enfrentando oposição e dificuldades, realizaram grandes contribuições.

Essa atividade realizada pelo professor, permite enfatizar que não se deve olhar somente para as dificuldades dos alunos, mas deve-se reconhecer suas potencialidades, suas habilidades. Limitar a capacidade da criança somente ao que lhe falta, e observar a dificuldade de uma perspectiva individualista e culpabilizante, é deixar para trás um vasto potencial que pode ser utilizado em vários outros aspectos da sua vida, pessoal e social. Vigotski (2011, p. 869), em relação à educação da criança com deficiência, fala que

O olhar tradicional partia da ideia de que o defeito significa menos, falha, deficiência, limita e estreita o desenvolvimento da criança, (...) Toda a psicologia da criança anormal foi construída, em geral, pelo método da subtração das funções perdidas em relação à psicologia da criança normal. (...) Para substituir essa compreensão, surge outra, que examina a dinâmica do desenvolvimento da criança com deficiência partindo da posição fundamental de que o defeito exerce uma dupla influência em seu desenvolvimento. Por um lado, ele é uma deficiência e atua diretamente como tal, produzindo falhas, obstáculos, dificuldades na adaptação da criança. Por outro lado, exatamente porque o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem.

Levando em consideração os pontos ressaltados pelo teórico e o exemplo dos cientistas apresentados pelo professor Nikumbh, vê-se que é extremamente possível que pessoas com deficiência se desenvolvam, façam parte e contribuam em inúmeros segmentos na sociedade, quando encontram o suporte e as adequações sociais necessárias para as dificuldades apresentadas, além de possuírem várias potencialidades e aptidões. A criança com deficiência, distúrbio ou dificuldade de aprendizagem, deve ser vista como produtora de possibilidade e ser estimulada por outros meios alternativos que sejam adequados e que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento dessa criança.

Nessa iniciativa, o professor utiliza um recurso importantíssimo em todo processo de ensino, o afeto. É muito importante mostrar para Ishaan que ele é capaz, que independente das dificuldades que ele tenha em relação à aprendizagem, à leitura, à escrita, ele pode, sim, conseguir aprender e se desenvolver, com as adequações necessárias para isso e a remoção das barreiras existentes. Demonstrar apoio e compreensão às crianças com dificuldades de aprendizagem é fundamental nesse processo. Todos os outros professores o faziam se sentir desmotivado, triste e incapaz de aprender, mas ele percebe que o professor de artes compreende suas dificuldades e rapidamente responde de forma positiva, respondendo ao questionamento que Nikumbh faz a turma sobre a invenção da eletricidade, mostrando, assim, a importância de se sentir compreendido, ressaltando que “é possível construir relações válidas e importantes em sala de aula; cada um tem o seu lugar neste processo, e o aluno é alguém com quem o professor

pode e deve contar, resgatando a sua autoestima e capacidade de aprender.” (MARTINS, 1997, p. 118).

5.2.4 Cena 4: Nova metodologia, novas aprendizagens

Conhecendo algumas das dificuldades enfrentadas por Ishaan, e sabendo também das suas potencialidades, Nikumbh elabora um projeto para trabalhar individualmente com o menino. Para contemplar as necessidades educacionais específicas de Ishaan, o professor elabora diversas atividades: ele utiliza recursos táteis – como caixa de areia para a escrita sensorial; o uso de massinha de modelar, para modelagem das letras, permitindo que as tornem palpáveis; recursos visuais – sempre utiliza muitas cores na pintura e na escrita, que são inclusive, elementos que o estudante gosta bastante; recursos sensório-perceptíveis – utilizando as escadas para realizar operações matemáticas, ao subir os degraus (soma), ao descer (subtrai); recursos auditivos – como a gravação de leituras para que ele pudesse acompanhar os seus livros; recursos motores – realizando a escrita inicialmente grande e reduzindo gradativamente, para que ele desenvolva a coordenação motora fina.

Essa iniciativa é extremamente importante para o seu desenvolvimento, pois o professor cria caminhos alternativos para atender às necessidades específicas do estudante. Nesse sentido, Vigotski (2011) mostra a importância da dimensão social no desenvolvimento humano, quando, ao se deparar com obstáculos no desenvolvimento natural, a humanidade cria vias alternativas para que ele ocorra. Afirmando ainda que, “as formas culturais de comportamento são o único caminho para a educação da criança ‘anormal’. Elas consistem na criação de caminhos indiretos de desenvolvimento onde este resulta impossível por caminhos diretos” (VIGOTSKI, 2011, p. 868). E é isso que faz o professor de artes, ele compreende que o menino não conseguirá progredir na aprendizagem se continuar preso no ensino tradicional em que está inserido, dessa forma, o educador rompe esse método, criando uma metodologia que se adequa às necessidades de Ishaan, além disso, ele utiliza as habilidades no desenho e na pintura do aluno para tornar esse processo mais significativo e despertar ainda mais o seu interesse.

No trabalho realizado pelo professor Nikumbh, vê-se o quanto importante é, o seu papel no desenvolvimento do aluno, ele organiza as ações de acordo com a necessidade do aluno, investiga e identifica quais são as dificuldades que o impedem de aprender, e é com base nessas informações que ele planeja, elabora e aplica uma série de atividades que contemplam as necessidades do estudante, intervindo em sua ZDP. Acerca disso, Teixeira e Barca (2019, p. 76) ressaltam que,

Na concepção de Vigotski, o professor tem a responsabilidade de organizar todo o processo educativo de modo a impulsionar o desenvolvimento social da personalidade humana consciente de seus alunos em direção à constituição de um “conhecimento crítico”, sem dicotomizá-los de “sentimentos e valores éticos”, sem dicotomizar “intelecto” e “afeto”.

Destaca-se na prática de Nikumbh, o afeto com que ele lida com os seus alunos. Ele compreende que a boa educação não precisa ser rígida, cheia de ordens e incompreensão, mas contrária a isso, uma educação de qualidade é regida por carinho, compreensão, empatia, saber ouvir, observar e incluir todos os alunos, torná-los parte do processo, considerando suas dificuldades e potencialidades, sabendo que cada um tem seu próprio tempo e maneira de se desenvolver e que devem ser respeitadas todas as diferenças.

No longa-metragem, nota-se que os outros profissionais das duas escolas que Ishaan frequentou o consideravam um problema, pois não sabiam como lidar com as necessidades educacionais que ele apresentava, não consideravam os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem existentes. No internato, o diretor afirma para Nikumbh que não seria possível a escola se adequar a somente um aluno. Nesse aspecto, nota-se que a escola não considerou em momento algum a possibilidade de se adaptar para atender às necessidades de todos os estudantes presentes, mas seriam eles que teriam que se adaptar totalmente à metodologia utilizada na escola. Dessa forma, pode-se constatar que o processo de inclusão social não se aplica na instituição, pois de acordo com Pacheco e Alves (2007, p. P. 246),

a inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir as pessoas com deficiência em seus sistemas, ao mesmo tempo que estas preparam-se para assumir seus papéis na sociedade. É então, um processo bilateral no qual tanto a pessoa ainda excluída quanto à sociedade, buscam equacionar problemas, buscar soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Vê-se que, para a instituição, seria esse um processo unilateral, pois considerava-se que somente a criança deveria se ajustar para caber nos padrões já existentes, não havendo possibilidades de adaptação por meio da escola. Porém, com a iniciativa do professor de artes, muda-se essa perspectiva, visto que ele modifica sua metodologia de modo que seja apropriada para atender as necessidades de Ishaan, bem como o inclui no processo educativo juntamente aos demais colegas, possibilitando a verdadeira inclusão do aluno com dislexia.

É extremamente necessário que a escola ofereça oportunidades de desenvolvimento adequadas para os seus alunos, levando em consideração a equidade. Todos têm direitos iguais de aprender e se desenvolver e a instituição deve estar preparada para receber todos os alunos, pois para que haja inclusão “há de se levar em conta a necessidade de preparar o meio (recursos físicos/ tecnológicos), as pessoas (recursos humanos) e conscientizar a comunidade local” (PACHECO E ALVES, 2007, p. 244). Somente assim será possível contribuir verdadeiramente

para o progresso de todos os estudantes, de maneira justa, equitativa, respeitando toda a diversidade humana.

Em seus estudos, Sassaki (2009) apresenta algumas dimensões da acessibilidade que devem ser consideradas no processo de inclusão, sendo elas: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. Ao falar dessas dimensões o autor se refere à deficiência, porém no filme em estudo, pode-se perceber a presença de algumas dessas dimensões, como barreiras para o desenvolvimento do menino, que são: comunicacional (comunicação entre pessoas), metodológica (métodos e técnicas), instrumental (instrumentos, utensílios) e atitudinal (preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações)

A dimensão comunicacional pode ser percebida no decorrer do filme, pois há uma enorme dificuldade na comunicação de Ishaan com as pessoas, os pais e professores estão sempre se irritando com ele, não há oportunidade de diálogo, sempre que ele não consegue realizar alguma atividade, ele é incompreendido e não consegue explicar o que acontece. Os pais também não o ouvem, não se interessam e não dão oportunidade de explicação. Na escola, ele não compreende os conteúdos que estão sendo ensinados, e os professores não buscam saber os motivos e nem os explicar de forma que ele consiga aprender. Nesses casos, Sassaki (2009, p. 4), expõe que “deve ser assegurada, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de comunicação diferenciadas dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares”. É somente com a chegada do professor de artes que Ishaan começa a ter a devida atenção, pois o professor oferece caminhos para o diálogo com o menino, e é somente com ele que o estudante consegue dialogar. Além disso, o educador consegue ensinar os conteúdos necessários, de maneira adequada ao aluno.

Arelado a isso, está dimensão metodológica. O estudante demonstrava muita dificuldade em aprender com as técnicas e metodologias utilizada pelos demais professores da escola. A forma rígida e mecânica com que eram transmitidos os conteúdos em nada acrescentava ao aprendizado de Ishaan, mas ocorria o contrário, ele estava cada vez mais desmotivado, inseguro e sem nenhum interesse pela aprendizagem, para ele nada fazia sentido. Com relação a isso, Sassaki (2009, p. 4) traz que no âmbito educacional, deve-se considerar o “Ensino e aplicação dos 15 estilos de aprendizagem; aprendizado e aplicação da teoria das inteligências múltiplas; utilização de materiais didáticos adequados às ‘necessidades especiais’ etc.”. Sabe-se que nenhum aluno aprende da mesma maneira, cada um possui diversas habilidades que devem ser estimuladas, assim, focar em apenas uma maneira de ensino ou no estímulo para o desenvolvimento de somente algum tipo de inteligência, é negar aos estudantes a oportunidade de desenvolver várias outras, que certamente seriam possíveis.

Visto isso, é a partir da metodologia utilizada pelo professor, elaborada de acordo com as necessidades de aprendizagem de Ishaan, que este consegue se desenvolver e avançar na aprendizagem. Para isso, o professor utiliza técnicas variadas que estimulam as habilidades do menino. Como ele possui habilidade no desenho e na pintura, o educador vale-se dessas competências do menino, para despertar novamente seu interesse para aprender, e consequentemente desenvolver as inteligências linguísticas e matemáticas, por exemplo, que são suas maiores dificuldades. Concomitante à dimensão metodológica, pode-se destacar também a dimensão instrumental. Na sua prática pedagógica, principalmente na metodologia utilizada com Ishaan, o professor faz uso de diversos instrumentos e ferramentas que auxiliam na aprendizagem do menino, como a caixa de areia, massinha de modelar, tintas e pincéis, tudo isso ajuda na aprendizagem e compreensão das letras, por exemplo, o que auxilia notoriamente no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

A dimensão atitudinal pode ser vista claramente no decorrer do filme, inicialmente por meio das barreiras existentes. Os professores e os pais do menino estão sempre o julgando como incapaz, um aluno que não possui nenhuma capacidade para se desenvolver e que está destinado ao fracasso, estigmas que estavam se cristalizando e construindo uma imagem negativa do aluno. Sobre essa dimensão, Sassaki (2009, p. 6), mostra que é necessária a:

...realização de atividades de sensibilização e conscientização, promovidas dentro e fora da escola a fim de eliminar preconceitos, estigmas e estereótipos, e estimular a convivência com alunos que tenham as mais diversas características atípicas (deficiência, síndrome, etnia, condição social etc.) para que todos aprendam a evitar comportamentos discriminatórios. Um ambiente escolar (e também familiar, comunitário etc.) que não seja preconceituoso melhora a autoestima dos alunos e isto contribui para que eles realmente aprendam em menos tempo e com mais alegria, mais motivação, mais cooperação, mais amizade e mais felicidade.

Essa dimensão pode ser identificada no final do filme, quando Nikumbh, organiza um campeonato de pintura que envolve toda a escola, professores, diretores, funcionários e alunos, todos se juntam para um grande evento. Com isso, o professor tem a finalidade de colocar em evidência um tipo de inteligência que não é valorizada pela escola, mas que é uma das maiores habilidades de Ishaan, fazendo assim, com que reconheçam suas capacidades, mostrando que ele não é incapaz, mas possui caminhos de desenvolvimento únicos, assim como os demais. Com isso, ele ressalta que cada ser humano possui capacidades únicas, que precisam ser estimuladas da maneira correta para que haja desenvolvimento. Limitar os alunos a faltas ou dificuldades, é negligenciar a educação. É preciso um olhar atento e cuidadoso dos profissionais de educação, para que consigam identificar as necessidades individuais dos alunos.

Nikumbh identifica as dificuldades de Ishaan e busca as maneiras mais eficazes para estimular o seu desenvolvimento, sendo possível observar no final do filme que o menino

consegue vencer suas dificuldades e avançar no processo de aprendizagem. Assim, ele demonstra o quão importante é na vida do estudante, um professor que seja atento e respeite a individualidade do aluno, conduzindo seu aprendizado por caminhos favoráveis.

É importante ressaltar também que infelizmente as condições educacionais podem dificultar esse trabalho, salas muito cheias, baixas remunerações, pouca ou nenhuma ênfase na formação em educação inclusiva e falta de reconhecimento da profissão, trazem várias barreiras para o trabalho do professor e exigem ainda mais desse profissional. Por isso, é necessário romper todo tipo de exclusão que existe na sociedade, é preciso que se olhe para todos como seres humanos capazes. A escola é um dos principais meios sociais para iniciar esse processo, em que é possível quebrar paradigmas que inferiorizam as pessoas. Assim, é extremamente necessário que os profissionais que fazem parte dela sejam conscientes, preparados, tenham empatia pelo próximo, saibam respeitar cada um, e reconheçam as suas potencialidades. Educar é respeitar, formar para o mundo, construir juntos um futuro no qual todos façam parte, tenham importância e reconhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos como a mediação do professor promove a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus alunos, especificamente de um estudante com dislexia. O objetivo do estudo foi observar esse papel, buscando analisar de que modo a mediação docente pode promover o desenvolvimento do estudante e refletir sobre a importância do professor no processo de inclusão escolar.

Os resultados da análise permitem compreender que a prática pedagógica utilizada pelo professor interfere fortemente na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Pode-se observar que ao utilizar uma metodologia inadequada, em que não era levado em conta as necessidades específicas do estudante com dislexia, ele não conseguiu aprender e não avançou no desenvolvimento, contrário a isso, estava cada vez mais fechado para o aprendizado, desanimado e desmotivado. Já a nova metodologia, utilizada pelo professor Nikumbh, é planejada com base nas necessidades de aprendizagem do aluno, leva em consideração todas as dificuldades, e também reconhece suas potencialidades. É nítido o seu avanço! Em pouco tempo o menino consegue desenvolver a leitura e a escrita, que eram suas maiores dificuldades, mostrando assim o quão importante é, na vida de uma criança, um docente comprometido verdadeiramente com o ensino, que vise sempre o progresso dos alunos, independentes dos obstáculos que surjam no caminho, um profissional que antes de tudo tenha um olhar atento e cuidadoso, que busque conhecer seus alunos para utilizar uma metodologia que promova avanços no processo de aprendizagem e desenvolvimento de cada estudante.

Outro ponto que merece destaque é a preocupação que o professor de artes tem em incluir o aluno em todas as atividades. O seu trabalho com Ishaan não é isolado. Incluir o estudante, torna-lo parte do processo, mostrar que ele é capaz e demonstrar apoio nas dificuldades é primordial no processo de ensino. O professor que reconhece as potencialidades dos seus alunos, que busca as possíveis e mais adequadas vias de desenvolvimento para cada um, é sem dúvidas um diferencial no meio educacional, e principalmente na vida de cada aluno.

Pode-se constatar assim, a importância que o professor tem no âmbito educacional. Como já mencionado em capítulos anteriores, o professor é o organizador do processo educativo, cabe a ele conduzir a aprendizagem dos alunos, de modo que alcancem o desenvolvimento. Desse modo, vê-se que, em partes, o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas, é também de responsabilidade do docente, que deve levar em consideração toda a pluralidade humana, os desafios que cada um enfrenta e o tempo de desenvolvimento de cada estudante.

É urgente a conscientização de todos os profissionais de educação, para que olhem para os educandos como seres individuais e únicos, cada um com suas particularidades. É essencial que se reconheça que cada estudante possui suas próprias maneiras e tempos de desenvolvimento, e estes, devem ser respeitados. Somente a partir disso, será possível ter uma educação justa e equitativa, que priorize os estudantes, oferecendo vias que possibilitem a evolução de todos, sem distinção.

Desse modo, é essencial que cada um faça sua parte, sozinho ninguém consegue mudar o mundo, mas pequenas atitudes são fundamentais para grandes avanços. Toda educação precisa ser feita com bases sólidas, justa, com equidade, respeito e empatia. Só assim será possível ter uma educação inclusiva, que respeite toda a diversidade humana, reconhecendo que todos têm seu lugar no mundo e que todos, sem distinção, são capazes de alcançar seus objetivos.

Posto isto, considera-se relevante novos estudos sobre a temática, com novas pesquisas, como exemplo, a pesquisa de campo. Pode-se também considerar a elaboração de planos para intervenção/implementação na educação, com o objetivo de se ter, de fato, a inclusão para todos no ambiente escolar e social, destacando assim, a importância da mediação e elaboração de estratégias pedagógicas relevantes na relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Moysés. **As formulações de Vygotsky sobre a zona de desenvolvimento proximal**. Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas. Vol. 1, Nº. 1, 2005, págs. 11-16

CAMPOS, Luciana M. Lunardi. **A rotulação de alunos como portadores de "distúrbios ou dificuldades de aprendizagem": uma questão a ser refletida**. Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. P. 125 a 140

CHAIKLIN, Seth. **A zona de desenvolvimento próximo na análise de vigotski sobre aprendizagem e ensino**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 659-675, out./dez. 2011

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca – Espanha, 1994.

FINO, Carlos Nogueira. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**. in Revista Portuguesa de Educação, vol 14, nº 2, pp. 273-291.

GOLSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Anínea, 2011, 5 ed.

DAZZANI, M. V. M.; CUNHA, E. de O.; LUTTIGARDS, P. M.; ZUCOLOTO, P. C. S. do V.; SANTOS, G. L. **Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 3, *Setembro/Dezembro de 2014*: 421-428.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: FDE, 1997. p. 111-122. (Série Idéias n. 28).

MARTINS, Onilza Borges; MOSER, Alvino. **Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch**. Revista Intersaberes | vol. 7 n.13, p. 8 - 28 | jan. – jun. 2012

MELLO, Suely & LUGLE, Andreia. **Formação de professores: implicações pedagógicas da teoria histórico-cultural**. Revista Contrapontos, Vol. 14 - n. 2 - mai-ago 2014. P. 259 – 274

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino)

OLIVEIRA, Marta K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

O que é dislexia? Associação Brasileira de Dislexia [ABD], 2016. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/> . Acesso em: 08 de dez. 2021

PACHECO K. M. de B. & ALVES V. L. R. **A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma.** Acta Fisiátrica. v. 14, n. 4, São Paulo, 2007. Tendências e Reflexões, p. 242 – 248

PATTO, M. H. S. (org). **Introdução à psicologia escolar.** 3 ed. Rev. Atual, São Paulo : Casa do psicólogo, 1997.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes – conceitos e metodologias(s).** In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento)

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. **Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação.** Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2008

TEIXEIRA S. R. dos S. & BARCA, A. P. de A. **O professor na perspectiva de Vigotski: uma concepção para orientar a formação de professores.** Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 24, n. 1, 2019, p. 71 – 84

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; JÚNIOR, R. DOS S. B. **O professor e o ato de ensinar.** Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005, p. 689 – 698

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica.** WMS Martins Fontes. São Paulo, 2010. P. 445 – 464

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.